

Universidades Lusíada

Oliveira, Manuel Joaquim Moreira de

Arquitetura de bibliotecas : bibliotecas públicas municipais

<http://hdl.handle.net/11067/3052>

Metadados

Data de Publicação

2013

Resumo

Nesta dissertação, que corresponde à finalização do 2º ciclo, mestrado integrado em Arquitectura pela FAA-ULVNF, tem como tema de estudo: Arquitectura de Bibliotecas - bibliotecas públicas e municipais. O tema surgiu, na sequência do trabalho desenvolvido no 5º ano, na unidade curricular de projecto, quando realizei uma biblioteca municipal para Caminha. Deste, resultaram algumas questões, que me obrigaram a procurar respostas: O que é uma biblioteca? A biblioteca no passado e no presente? A arq...

This dissertation, which corresponds to the completion of the 2nd cycle, integrated architecture FAA - ULVNF master, has the theme of study: Architecture Library - public libraries. The theme year arose as a result of the work developed in 5 . Thereof, in the course of the project , when I did a municipal library for walks . This resulted some issues that forced me to look for answers : What is a library ? The library in the past and present? The architecture of libraries? Typologies? The plura...

Palavras Chave

Bibliotecas (Edifícios), Planeamento

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULF-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-12-25T19:59:54Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

Faculdade de Arquitetura e Artes

**Arquitetura de Bibliotecas – Bibliotecas Públicas
Municipais**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA

Orientador: Professora Doutora Assunção Lemos

Manuel Joaquim Moreira de Oliveira

Vila Nova de Famalicão, Dezembro 2013

“ (...) O silêncio é, por assim dizer, o elemento das bibliotecas, o objetivo primeiro da arquitetura que a elas se dedica. Todo o diálogo que ali se trava é entre os autores e os leitores, por interposto volume, e para que seja possível é necessário que o principal do espaço das bibliotecas públicas inspire e cultive silêncio. É evidente que há questões a tratar e há outros mesteres e actividades que se desenvolvem no edifício das bibliotecas. Mas nunca se deve perder de vista nem perturbar o essencial, aquilo para que elas existem e que é esse momento de autêntica revelação que a leitura pode oferecer e que só no silêncio se costuma dar. Tal como nos teatros, mas por razões exatamente opostas, há nas bibliotecas uma questão de acústica, para cuja resolução não bastam os regulamentos e que, por isso mesmo, convoca a arquitetura. (...) “

- Prefácio de Diogo Pires Aurélio (NEVES.2004: 8)

“ O universo (a que outros chamam Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no meio, cercados por parapeitos baixíssimos (...) De qualquer hexágono vêm-se os pisos inferiores e superiores: interminavelmente”.

- Jorge Luís Borges – (BORGES 1998: 67-77)

Dedicatória

Com muito carinho, à minha mãe.

Agradecimentos

Na elaboração desta dissertação, tive o privilégio de contar com a colaboração de inúmeras pessoas, que contribuíram de uma forma entusiasta na realização do meu trabalho.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram e auxiliaram no desenvolvimento deste trabalho, em particular:

A minha gratidão para com a professora Assunção Lemos, pela sua orientação, pelo interesse demonstrado, pelo conhecimento transmitido e forma entusiasta com que sempre me acompanhou.

Aos funcionários da Biblioteca Municipal de Ílhavo, em particular a Dr.^a Inês Vila pela disponibilidade demonstrada.

Ao atelier ARX Portugal arquitetos, Lda., por toda a documentação facultada e disponibilidade demonstrada.

A todos os docentes que me acompanharam no meu percurso académico, pelos seus ensinamentos transmitidos.

Por fim, mas não menos importante, a minha família e amigos pelo apoio constante e incondicional que sempre demonstraram.

A todos, um muito obrigado.

Índice

Dedicatória	III
Agradecimentos	IV
Índice	V
Índice de figuras e fontes	VII
Resumo/Palavras-chave	XI
Abstract/Key-Words	XII

Introdução 13

1 – Conceito, História, Arquitetura de Bibliotecas 17

1.1- Conceito e história. Exploração de exemplos 17

1.2- Da diversidade de bibliotecas à biblioteca pública 26

1.3- As bibliotecas públicas em Portugal. Tipologias. Futuro 32

2 – Um caso de estudo: A biblioteca Municipal de Ílhavo 45

2.1 – Cidade de Ílhavo 45

2.2 – Os arquitetos Nuno e José Mateus e a Biblioteca de Ílhavo 48

2.3 – Organização funcional da biblioteca 54

3 – Uma Biblioteca Municipal para Caminha. Projeto 5º ano 62

3.1 – Cidade de Caminha e sua composição 62

3.2 – Programa base/Organograma da biblioteca 65

3.3 – Local de intervenção 67

3.4 – Conceito	68
3.5 – Memória Descritiva	70
3.6 – Imagens 3D – Projeto 5º ano	77
3.7 – Fotos maquete – Projeto 5º ano	78
Conclusão	79
Fontes e bibliografia	81
Apêndice documental	85

Índice de figuras e fontes

Fig. 1 – Planta do convento de S. Lourenço com a biblioteca

Fonte: (TAVARES.2012:98)

Fig. 2 – Sala de leitura da biblioteca de S. Lourenço

Fonte: (TAVARES.2012:54)

Fig. 3 – Interior da biblioteca real projetada por Étienne-Louis Boullée (1785)

Fonte: (António Braga, Manuel Queiroz. 2010:35)

Fig. 4 – Plantas da biblioteca pública de Estocolmo (1921/28)

Fonte: <http://arqbibliotecas.blogspot.pt/2010/11/biblioteca-publica-de-estocolmo.html>

Fig. 5 - Biblioteca pública de Estocolmo

Fonte: <http://www.archdaily.com/92320/ad-classics-stockholm-public-library-gunnar-asplund/>

Fig. 6 – Plantas de biblioteca de Viipuri, Alvar Aalto, 1927-1935

Fonte: <http://arqbibliotecas.blogspot.pt/2010/11/biblioteca-municipal-viipuri-rusia-1927.html>

Fig. 7 – Corte e imagens da biblioteca de Viipuri, Alvar Aalto, 1927-1935

Fonte: <http://arqbibliotecas.blogspot.pt/2010/11/biblioteca-municipal-viipuri-rusia-1927.html>

Fig. 8 - O mar, a ria e o pescador

Fonte: www.cm-ilhavo.pt

Fig. 9 – Pormenor dos palheiros e os 5 Km de costa

Fonte: www.cm-ilhavo.pt

Fig. 10 – Fachada principal (sudeste) do solar e capela em ruínas

Fonte: www.bibliotecamunicipal.cm-ilhavo.pt

Fig. 11 – Fachada principal (sudeste) do antigo solar e capela recuperada integrando a nova biblioteca

Fonte: Foto: Fernando Guerra, cortesia ARX, Portugal

Fig. 12 – Fachada com a torre anexa biblioteca/fórum da juventude

Fonte: Foto: Fernando Guerra, cortesia ARX, Portugal

Fig. 13 – Interior da capela existente na biblioteca

Fonte: Foto: Fernando Guerra, cortesia ARX, Portugal

Fig. 14 – Planta do Piso 0 da biblioteca

Fonte: Foto: Fernando Guerra, cortesia ARX, Portugal

Fig. 15 – Planta do Piso 1 da biblioteca

Fonte: Foto: Fernando Guerra, cortesia ARX, Portugal

Fig. 16 – Entrada principal da biblioteca orientada a sudoeste e noroeste

Fonte: Foto: Fernando Guerra, cortesia ARX, Portugal

Fig. 17 – Átrio de entrada e acesso ao piso superior, secção de adultos

Fonte: Foto: Fernando Guerra, cortesia ARX, Portugal

Fig. 18 – Zona de entrada vista da secção de adultos

Fonte: Foto: Fernando Guerra, cortesia ARX, Portugal

Fig. 19 – Fotografia aérea e localização de Caminha no mapa de Portugal

Fonte: <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/2012/08/caminha.html>

Fig. 20 – Barcos e redes de pesca junto à marginal de Caminha

Fonte: Fonte própria

Fig. 21 – Organograma funcional da biblioteca

Fonte: Fonte própria

Fig. 22 – Zona do actual mercado de caminha – local de intervenção

Fonte: Fonte própria

Fig. 23 – Cestas e redes de pesca- marginal Caminha

Fonte: Fonte própria

Fig. 24 – Planta de implantação da biblioteca junto da marginal de Caminha

Fonte: Fonte própria

Fig. 25 – Planta da biblioteca - piso 0

Fonte: Fonte própria

Fig. 26 – Planta da biblioteca - piso 1

Fonte: Fonte própria

Fig.27 - Imagens 3D – Projeto 5º ano

Fonte: Fonte própria

Fig.28 - Fotos maquete – Projeto 5º ano

Fonte: Fonte própria

Resumo

Nesta dissertação, que corresponde à finalização do 2.º ciclo, mestrado integrado em Arquitectura pela FAA-ULVNF, tem como tema de estudo: Arquitectura de Bibliotecas - bibliotecas públicas municipais.

O tema surgiu, na sequência do trabalho desenvolvido no 5.º ano, na unidade curricular de projecto, quando realizei uma biblioteca municipal para Caminha. Deste, resultaram algumas questões, que me obrigaram a procurar respostas: O que é uma biblioteca? A biblioteca no passado e no presente? A Arquitectura de bibliotecas? As tipologias? A pluralidade de opções?

Destacou-se, na diversidade de funções, escolher a Biblioteca Pública Municipal, como objectivo de análise e estudo.

Detectou-se, na diversidade dos modelos e ou tipologias, que estas se reduzem a duas posturas no fazer arquitectónico (segundo S. Romero). Optou-se por uma das posturas: aquela que a Biblioteca Municipal de Ílhavo assume e apresenta (em total sintonia com a encomenda e os autores do projecto, como se demonstra neste estudo em capítulo dois). Aliás, o modelo que não desenvolvemos no nosso caso de estudo, projecto do 5.º ano, como também o demonstramos em capítulo três).

O conjunto de páginas escritas, foi o resultado da pesquisa e análise realizada em bibliografia actualizada e em diálogo profícuo com bibliotecários e arquitectos, nomeadamente com a bibliotecária e os arquitectos que projectaram e dirigiam a construção da Biblioteca Municipal de Ílhavo.

Palavras – chave: Biblioteca, Postura, Livro, Arquitectura

Abstract

This dissertation, which corresponds to the completion of the 2nd cycle, integrated architecture FAA - ULVNF master, has the theme of study: Architecture Library - public libraries.

The theme year arose as a result of the work developed in 5 . Thereof, in the course of the project , when I did a municipal library for walks . This resulted some issues that forced me to look for answers : What is a library ? The library in the past and present? The architecture of libraries? Typologies? The plurality of options?

He excelled in the diversity of functions; choose the Municipal Public Library, objective analysis and study.

It was found in the diversity of models and typologies or that these are reduced to two positions in the architectural do (according S. Romero). We opted for one of the positions: one that assumes Ílhavo Municipal Library and shows (in total harmony with the order and the authors of the project , as demonstrated in this study in chapter two) . Moreover, the model does not develop in our case study, project 5 . Grade, as also demonstrated in chapter three).

The set of pages written, was the result of research and analysis on updated bibliography and useful dialogue with librarians and architects, notably with the librarian and the architects who designed and directed the construction of the Municipal Library of Ílhavo .

Key-Words: Library, Posture, Book, Architecture

Introdução

O tema surgiu, oportunamente, no contexto das questões colocadas, quando se optou por projetar uma biblioteca para Caminha, com o seguinte título: Arquitetura de Bibliotecas - Bibliotecas Públicas Municipais.

O tema já estaria incubado, quando nesse pretérito 5.º ano, se resolveu desenvolver uma biblioteca, no desafio lançado pelo Regente da Unidade Curricular para projetar um equipamento.

A Biblioteca era um lugar que seduzia, compreender a sua organização, funcionalidade, as formas de que se revestia através do tempo e do espaço. Porque se construíam hoje tantas bibliotecas? Intrigava a sua proliferação, quanto a produção impressa de livros parecia estar em regressão, frente ao domínio e expansão do conhecimento virtual? Estes antagonismos forçavam a procurar esclarecê-los.

A investigação começou por reunir informação capaz de elucidar sobre o tema em estudo. Depois, importava selecionar aquela que mais diretamente desse respostas: o livro que melhor ajudou a estruturar a dissertação foi o da dupla, António Maria Braga e Manuel Queiroz, que colocava em resenha atualizada, a complexa problemática que interessava tratar (BRAGA, QUEIRÓZ.2010).

O segundo livro, que secundava o primeiro, foi o de Santi Romero, intitulado: La Arquitectura de la Biblioteca. Recomendaciones para un projeto integral (2003).

O terceiro livro, mais volumoso que os anteriores, oferecia a concorrência de diversos especialistas, dirigidos por Michel Melot, respondia interogações outras e abria-se a uma diversidade de projetos arquitetónicos realizados no mundo, de novas e velhas bibliotecas recuperadas. O título é revelador: Nouvelles Alexandries. Les grands chantiers de bibliothèque dans le monde(MELOT:1996). O quarto livro, da autoria de Godfrey Thompson, intitulado:Planning and design of Library building(1996), completava o quadro das referencias base, que se procurava. Deve-se, ainda, creditar os dois

números que a revista *Arquitetura Ibérica* dedicou, exclusivamente ao tema Bibliotecas (2004 e 2006).

Apetrechado deste modo, estávamos em condições para traçar o corpo da dissertação propriamente dita. Assim, num primeiro capítulo, abordar-se-ia o conceito de Biblioteca, a sua história e a arquitetura que lhe está subjacente, através do tempo e dos lugares até à atualidade. Simultaneamente, interessava, na contemporaneidade, compreender a diversidade de bibliotecas - nacionais, municipais, universitárias, escolares, públicas e privadas, entre outras categorias possíveis. Deste conjunto, privilegia-se, destacando o estudo da Biblioteca Pública Municipal. Especificamente, interessava fazer, ainda o respetivo enquadramento em Portugal.

Detetou-se, que na pluralidade do fazer, as opções tipológicas se reduzem a duas posturas, que Santi Romero estabeleceu (2003:28): por um lado, o modelo de biblioteca que Alvar Aalto usou em Vipuri e que corresponde à criação de um volume linear destinado à administração e serviços, complementado com outro volume de planta poligonal em forma de leque, onde se fixam as salas de leitura. Por outro, o modelo de biblioteca protagonizado por I. Khan, Asplund e outros arquitectos, na qual procuram encaixarem todos os espaços que compõe uma biblioteca num único elemento rígido, sendo a luz e os percursos os elementos que conferem identidade e sentido aos espaços.

Num segundo capítulo, quis-se, representar uma das posturas proposta por Santi Romero. A escolha recaiu na Biblioteca Pública Municipal de Ílhavo, dos ARX Portugal Arquitectos Ld.^a (José e Nuno Mateus).

Num terceiro e último capítulo apresentou-se o projeto desenvolvido no 5.º ano, para uma Biblioteca Pública Municipal em Caminha. Ensaiou-se, na altura, a outra postura, mais generalizada.

Na problemática levantada, interessa discernir, se após, a conclusão desta dissertação, reforçaríamos a opção desenvolvida para a Biblioteca Municipal de Caminha e, ou, pelo contrário, optar-se-ia, pelo caminho

proposto pelos irmãos Mateus, na esteira desenvolvida pelo pioneirismo de Aalto?

Importa, ainda, acrescentar, que outras referencias bibliográficas foram usadas, as quais se remetem para a bibliografia incluída no final deste trabalho. Por último, não se pode esquecer, o diálogo havido diretamente com a obra (Biblioteca Municipal de Ílhavo), com o lugar (Ílhavo) e com os autores do projeto realizado (2001-1005).

CAPITULO 1

1 – Conceito, história, arquitetura de bibliotecas

Neste capítulo, tal como o apontamos na Introdução, interessa reunir argumentação capaz de explicar conceitos que permitam viajar na história e nos trace através de alguns exemplos a evolução da arquitetura no tempo e no espaço. Paralelamente, compreender como a biblioteca é uma necessidade em expansão nas sociedades atuais. A atestá-lo, encontramos o exigente profissionalismo de bibliotecas diferenciadas, que respondem a procuras especializadas. Foi nossa opção, eleger com maior aprofundamento as Bibliotecas Públicas Municipais, e, em enquadramento comparativo, o seu estudo em Portugal. Apresentar as tipologias que satisfazem fisicamente, a concretização de uma Biblioteca Pública Municipal. Justificar as duas posturas enunciadas por Santi Romero, bem, como propor à reflexão o “ Manifesto da Unesco sobre Bibliotecas Públicas”, aprovado em novembro de 1994, o futuro das mesmas.

1.1 – Conceito e história. Exploração de exemplos

Quando pensamos numa definição de Biblioteca, aquela que de imediato ocorre é a de um lugar onde se acomodam livros. Livros que adquirimos (comprados, oferecidos, trocados), para nosso conhecimento. Estamos a transferir uma noção, que verbalizada, corresponde ao reduto construído paulatinamente, numa das divisões do apartamento mediano em que habitamos. Esta é a nossa realidade. Disfrutamos desse pequeno espaço, já há muito extravasado pelos corredores e outras salas, onde os livros, as revistas, os CD`s se vão acumulando, numa ordem pré-estabelecida, mas, exponencial. Estamos perante uma biblioteca pessoal, heterogénea, privada e limitada. Esse pequeno mundo, a que chamamos biblioteca, possui ainda, computador, que por extensão, uma vez ligado nos conecta com o conhecimento em rede.

Este objeto portátil, de dimensões mínimas e de reduzido peso, consegue responder às exigências mais exigentes, transformando os limites da biblioteca pessoal e privada, numa biblioteca pública ou pelo menos semi-pública, onde o acesso à informação, e, como tal ao conhecimento se torna ilimitado (quase).

Este conceito de biblioteca não se distancia daquele que o dicionário dá: “ coleção de livros possuídos por um particular ou destinados à leitura do público; coleção de obras literárias de um povo; estantes, salas ou edifício onde se encontra os livros arrumados. Do grego bibliothéke, “ depósito de livros”, pelo latim, bibliothéca, “biblioteca”.” (COSTA E MELO. 1994: 264).

Pese as aproximações, entre a definição de biblioteca dada por nós com a que o dicionário propõe, este último, coloca questões novas: remete para o grego o sinónimo de “depósito de livros” e para o latim, biblioteca, simplesmente. A invenção do vocábulo é grega, e, depois, romana, ou a existência do termo é ainda mais antiga?

“Desde a sua origem até ao séc.XVIII, limitaram-se a ser na sua essência espaços cuja função primordial era guardar e proteger os livros. A biblioteca mais conhecida da antiguidade é sem dúvida a de Alexandria, fundada em 331 a C., mas antes dela outras bibliotecas existiram na Mesopotâmia, na Babilónia e na Assíria, nomeadamente a de Elba, onde há mais de quatro mil anos se guardavam tabelas de argila gravadas com caracteres cuneiformes.

Durante este longo período as bibliotecas surgiam normalmente integradas num conjunto construído, junto de um templo, um mosteiro, um palácio real, um colégio ou uma residência particular, raramente dando lugar a edifícios autónomos, com exceção das bibliotecas romanas e de algumas medievais.” (Braga e Queiroz. 2010: 33)

Esta citação, introduz-nos na dinâmica da história, resumindo a sua longa e complexa existência. Balizada até ao séc. XVIII, biblioteca identifica-se como recetáculo para guardar e salvaguardar os livros.

E, o lugar onde tal acontece que forma ocupa no espaço? O excerto refere, explicitamente, divisões dentro de edifícios – religiosos e/ou civis, mas

sugere, também, edifícios isentos, feitos de propósito, autônomos para albergar uma biblioteca.

Santi Romero é mais esclarecedor relativamente a este assunto: “ as bibliotecas do passado nascem da necessidade de acumular e proteger os conhecimentos” (ROMERO.2003:23). De seguida faz o seguinte reparo” sem vontade alguma de fomentar a leitura entre os cidadãos. Eram biblioteca do senhor, do bispo, do rei, com acesso reservado, aos privilegiados, a quem estes abriam as portas e lhes facultavam o uso” (ROMERO.2003:23). Constatamos a confirmação de partilha do conhecimento, mesmo que filtrada pelo reduto elitista do acesso. Ou seja, o conhecimento transitava, não se perdia. Questionamos, todavia, a aplicação do conceito a todas as civilizações, pois há indícios seguros de na civilização greco-romana a biblioteca se identificar com o serviço público e não restrito ao senhor. Na época Moderna, Miguel Ângelo é incumbido de projetar uma biblioteca no convento de S. Lourenço aberta aos estudiosos e patrocinado pelos Médicis, aquilo a que Domingos Tavares intitula em subcapítulo “ biblioteca para o povo “ (TAVARES.2012:95-110). Contudo estamos de acordo, “ foram necessários muitos séculos para que as bibliotecas respondessem ao modelo de serviço público aberto a todos os cidadãos que hoje atribuímos a estes equipamentos culturais” (ROMERO.2003:23). Relativamente a esta linearidade interrogada, encontramos em Umberto Eco a resposta que não hesitamos em transcrever: “ A de Assurbanípal em Nínive, a de Polícrates em Samos, a de Psístrato em Atenas, a de Alexandria, que no séc. III a.C. tinha já 400.000 volumes e que mais tarde, no séc. I a.C., em conjunto com a do Serapeu, incluía 700.000 volumes, e depois também a biblioteca de Pérgamo e a de Augusto (na época de Constantino existiam 28 bibliotecas em Roma). Depois tenho uma certa familiaridade com algumas bibliotecas beneditinas, e comecei a reflectir qual será a função de uma biblioteca. No início, no tempo de Assurbanípal ou de Polícrates, talvez fosse uma função de recolha, para não deixar dispersos os rolos ou volumes. Mais tarde, creio que a sua função tenha sido de entesourar: eram valiosos, os rolos. Depois, na época beneditina, de transcrever: a biblioteca quase como uma zona de passagem, o livro chega, é transcrito e o original ou a cópia voltam a partir. Penso que em determinada época, talvez

já entre Augusto e Constantino, a função de uma biblioteca seria também a de fazer com que as pessoas lessem, e por tanto, mais ou menos, de respeitar as deliberações da UNESCO que pude encontrar no volume que chegou hoje às minhas mãos, e onde se diz que uma das finalidades da biblioteca consiste em permitir que o público leia os livros. Mas depois creio que nasceram bibliotecas cuja função era não deixar ler, de esconder, de ocultar o livro. É claro que essas bibliotecas também eram feitas para permitir que se encontrasse. Surpreendem-nos sempre a habilidade dos humanistas do séc. XV em encontrar manuscritos perdidos. Onde é que os encontraram? Encontraram-nos na biblioteca. Em bibliotecas que em parte serviam para esconder, mas que também serviam para se achar." (ECO.1994:s/p).

Uma vez esclarecido o conceito de biblioteca, retome-se a outra questão, complementar da função e finalidade da biblioteca ao longo do tempo que é a sua arquitetura. Quer em Santi Romero (2004:23-32) como em António Maria Braga e Manuel de Queirós (2010:33-44) encontramos capítulo próprio onde se destacam em texto sintético, mas clarificador a evolução das arquiteturas de bibliotecas através dos tempos e dos lugares.

Relativamente aos espaços das primeiras bibliotecas, estas não passariam de recintos integrados em palácios e/ou templos. Relativamente a famosa biblioteca de Alexandria, há referências que partilharia com um museu um edifício autónomo. " Desconhece-se a planta e a implantação, mas foi crescendo e chegou a ser a maior do mundo antigo" (ROMERO.2004:24). Da mítica biblioteca nada sobreviveu. Contudo, a exemplo desta biblioteca podem-se apontar novas bibliotecas construídas posteriormente ainda na época helenística: " em Pérgamo encontram-se algumas salas enquadradas por um pórtico" (ROMERO.2004:24). Destes vestígios arqueológicos e outras referências literárias, pode-se hipoteticamente desenhar o modelo utilizado. " Em Roma, a primeira biblioteca pública data de 39 a.C. Posteriormente alguns imperadores, como Augusto, Tibério e Trajano dotaram a cidade de edifícios para a leitura e a conservação de documentos. Trata-se de edifícios anexos a um templo e que reproduzem o modelo de Pérgamo" (ROMERO.2004:24). Santi Romero, referindo-se a civilização árabe diz que " os califas possuíam

bibliotecas com pátios e pórticos que recordam um modelo de bibliotecas romanas” (2004:24). No longo período da idade média europeia, as bibliotecas traduziam-se fisicamente em, uma, ou várias salas integradas no complexo religioso ou palaciano. Somente, a partir do séc. XII, começam a aparecer espaços de bibliotecas melhores pensados em acomodação de livros e leitores, com acesso direto de luz.

“A partir do séc. XIII, também as universidades começam a criar as suas próprias bibliotecas, mas sem que houvesse uma alteração sensível na forma como estas se organizavam nos edifícios onde se encontravam instaladas” (BRAGA, QUEIROZ.2010:34). A invenção e generalização da imprensa provocam uma revolução cultural, epitetada de humanismos e renascimento. A importância social da biblioteca aumenta, provocando o surto de bibliotecas privadas, mas também conventuais e universitárias” a primeira biblioteca renascentista, data de 1438, foi a que Michelozzo (1396 –1472) construiu no convento de S. Marcos em Florença. Trata-se de um compartimento de três naves com colunas, possui janelas de ambos os lados e estantes inclinadas para escrever. Os livros são presos por correntes para não serem roubados. O espaço recorda as bibliotecas da antiguidade” (ROMERO.2004:25).

Mas a biblioteca mais famosa, foi a que Miguel Ângelo (1475-1564) projetou para o convento franciscano de S. Lourenço em Florença, encomenda de um Médicis, o papa Clemente VII. O projeto iniciou-se em 1524. Foi, parcialmente concluído depois da morte de Miguel Ângelo por Bartolomeu Ammanati (1511-1592). Domingos Tavares, no capítulo já nomeado descreve e interpreta os factos. É, nele que nos apoiamos para redigir o texto que se segue. É interessante anotar que da encomenda papal surgiram a hipótese de fazer um edifício autónomo e aberto aos estudiosos. Contudo, a opção recaiu em colocar a biblioteca integrada no complexo do convento. Nesse sentido, o espaço físico aproxima-se mais do que Michelozzo fizera, afastando-se da rotura que anunciara.

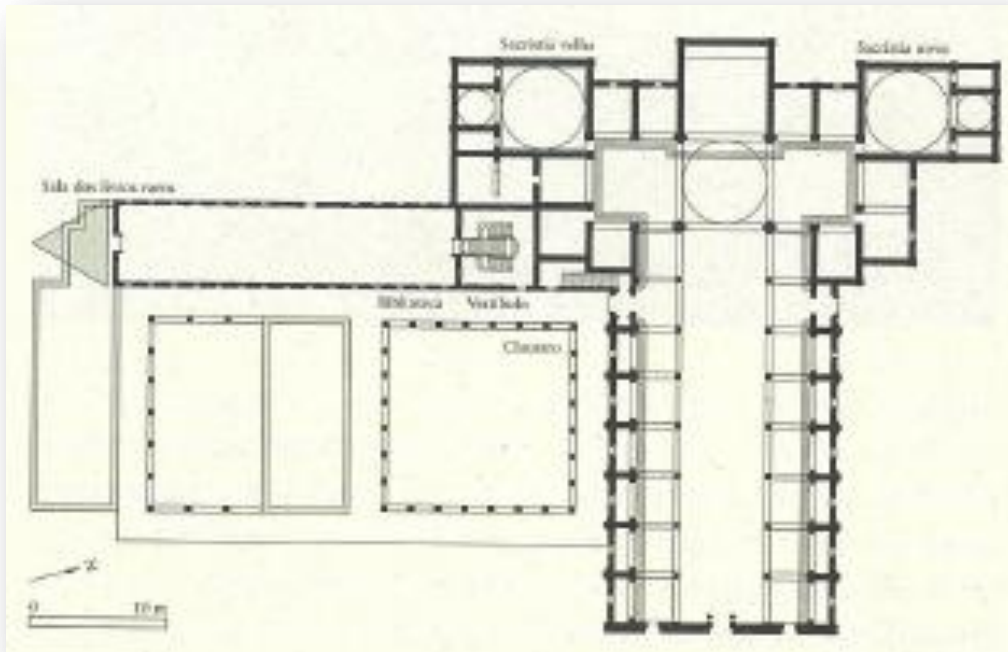


Fig. 1 – Planta do convento de S. Lourenço com a biblioteca



Fig. 2 – Sala de leitura da biblioteca de S. Lourenço

Na figura 1 e 2, que tomamos do Domingos Tavares, pode-se compreender, a integração da biblioteca na planta do convento: a sala e estantes de leitura no retângulo traçado, terminando no vestíbulo, com saída para o claustro. A sala triangular para os livros raros, não se chegou a concretizar. “ A biblioteca de *San Lorenzo* , ficou como marco onde se desenvolveu uma ideia global da leitura entendida numa escala distinta da que era própria da pratica conventual. Adequou o sítio, os mecanismos de acesso e chegada, os lugares de estar, ou cofre onde guardar os tesouros do saber ao serviço de quem procurava o conhecimento. Houve evidentemente, uma intenção de estabelecer o caracter público na definição do lugar interior, mas parece não ter surgido ainda no espirito do artista Michelangelo uma preocupação especial para a identificação exterior da construção resultante no sentido que hoje damos a componente da arquitetura enquanto objeto edificado, porque integrante do todo que era a igreja e convento de *San Lorenzo*” (TAVARES.2012:99).

As bibliotecas que se seguiram, como a biblioteca Real que Juan de Herrera projetou no mosteiro-palácio e hospital de S. lourenzo do Escorial, encomenda bem dirigida de Filipe II de Espanha, I de Portugal, entre 1567 e 1584. Apesar da monumentalidade da sala, cobertura de abóbada de canhão, com as estantes desenvolvidas de raiz, para o espaço, apoiada e integrada com as artes decorativas, onde se destaca a pintura parietal e da cobertura da abóbada, o modelo segue o princípio pensado por Michelozzo e desenvolvido por Miguel Ângelo. A mesma replicação acontece no real convento – palácio de Mafra, encomenda de D. João V ao arquiteto João Frederico Ludovice (1717-1730).

A imponente biblioteca foi concluída em adiantado século XVIII. “ A sua estrutura arquitetónica, com planta cruciforme, com cúpula apainelada no centro na qual se representa o sol, paredes de alvenaria e pavimentos de mármore policromadas, beneficia da colocação de grandes estantes em madeira, previa-se o seu douramento, facto que acabou por não se registar. O seu autor foi Manuel Caetano de Sousa (1742-1802). “ (PEREIRA.1995:68).

Como o afirma Santi Romero, “ a tipologia iniciada com o Escorial converteu-se em paradigma das arquiteturas prevaletentes no século XVII e grande parte do século XVIII” (ROMERO.2004:25). Como aliás se comprova com o exemplo da biblioteca do real convento do palácio de Maфра. Contudo, é interessante, destacar como exemplo de arquitetura que integrada se apresenta como edifício autónomo. “ Pode ler-se uma estrutura retangular desadornada no seu porte “ (FERRÃO.1993:109). Trata-se da *Casa da Livraria da Universidade de Coimbra*, que o rei D. João V particionou a chamada biblioteca joanina. Foi edificada num curto espaço de tempo (1717-1728), o seu autor é controverso,” a maior dificuldade deve-se ao facto de não existirem quaisquer documentos que comprovem ou registem o nome do arquiteto. (...) A Casa da Livraria será, então, obra saída das mesas de trabalho da capital, mas interpretada com variações deste mestre construtor/Gaspar Ferreira” (FERRÃO.1993:91-94).

É claro, que há um avanço na autonomização do edifício. “Quando Étienne –Louis Boullée traça o projeto da biblioteca real (1785) a edificar no sítio do palácio Mazarin em Paris,” o projeto previa a cobertura do pátio existente, neste ultimo com uma gigantesca abóbada de berço rasgado a meio, a todo o comprimento por uma claraboia. Aí seria instalada uma grande sala de leitura, com noventa metros de comprimento, por trinta metros de largura, iluminada pela claraboia, na qual os livros estariam dispostos em estantes em anfiteatro distribuídas por três degraus ao longo das paredes” (BRAGA,QUEIROZ.2010:35). Como se pode observar na fig. 3.



Fig. 3 Interior da biblioteca real projetada por Étienne-Louis Boullée (1785)

Este monumental edifício não construído, ficou como projeto visionário, Santi Romero diz mesmo " a proposta de Boullée se converteu-se num ponto de discussão sobre a cultura moderna de bibliotecas" (ROMERO.2004:25). Havia então nesta utopia, um convergir de modelo que a aproximava do edifício específico e isento aparentado ao paralelepípedo de onde emergia. Faltava-lhe ainda resolver a problemática do Iluminismo, de uma cultura para todos, de um edifício protagonista e complexo, que separasse as salas de leitura do armazenamento dos livros e dos serviços administrativos. A biblioteca das revoluções liberais exigia ser vista, disponível e franqueada.

1.2 - Da diversidade de bibliotecas à biblioteca pública

Neste subcapítulo surgia a necessidade de reunir um conjunto de informações que explicasse as diversidades de bibliotecas. Santi Romero apresenta 5 tipos de bibliotecas: " nacional, pública, escolar e especializada" (ROMERO.2004:11). Esta taxinomia aplica-se a uma sociedade contemporânea ocidentalizada. Em termos estruturais, a partir do triunfo da revolução liberal, burguesa e/ou capitalista. Ou seja, a partir do ponto a que chegamos em subcapítulo 1.

Façamos o resumo de cada tipo:

Biblioteca nacional " é a biblioteca pública oficial que tem o privilégio de receber em depósito legal exemplares de todo o novo livro publicado dentro do estado, ou de uma cultura reconhecida" (ROMERO.2004:12). " As bibliotecas nacionais são, pela própria natureza das funções que desempenham e das atividades que nela tem lugar, edifícios de enorme dimensão e complexidade, quer ao nível das áreas de serviço público, quer principalmente ao nível das áreas do serviço interno, como os depósitos de documentos, exigindo áreas gigantescas e sofisticados sistemas de transporte interior, áreas de tratamento técnico e catalogação, de expurgo, etc. " (BRAGA,QUEIROZ.2010:12). Santi Romero e António Braga/Manuel Queiroz, são unânimes em explicações mais pormenorizadas sobre esta tipologia. Para o caso em estudo, interessa apontar, que pela função de serem nacionais, acabam por ser únicas no país, instalando-se na capital. " No entanto, países há, como a Itália, Alemanha, ou os países nórdicos, que não seguem o modelo de uma biblioteca nacional única e centralizada, preferindo uma maior dispersão dos fundos bibliográficos" (BRAGA,QUEIROZ.2010:12). Pela natureza dos fins a que se destina, acabam por condicionar o acesso bem como a circulação dos recursos disponíveis.

As bibliotecas universitárias, escolares e especializadas, como os próprios nomes sugerem, são centros de investigação direcionados para conhecimentos específicos. Não rivalizando, regra geral, em arquiteturas com

as nacionais, integram universidades, escolas, instituições científicas e/ou outras. Condicionado, está, todavia o seu acesso, bem como a livre circulação das suas coleções. Razão, pela qual, deixamos para ultimo a definição de biblioteca pública, aquela que afinal, elege como objeto desta dissertação.

“Biblioteca pública é a biblioteca criada e financiada por um organismo público local e ou central, ou por alguma instituição autorizada para atuar nesse âmbito, utilizável por qualquer pessoa, sem nenhuma discriminação” (ROMERO.2004:12). “ Bibliotecas que servem toda a comunidade no contexto da sociedade de informação e asseguram acesso livre e gratuito a informação a nível local” (BRAGA,QUEIROZ.2010:11). Dentro desta destaca-se a biblioteca municipal. “ Na Europa foram os países nórdicos os primeiros a iniciarem, no pós-guerra programa de criação de bibliotecas municipais com base no território dos respetivos municípios, seguidos uns anos mais tarde pelo Reino Unido” (BRAGA,QUEIROZ.2010:17).

Neste caso, interessa refletir nos modelos arquitetónicos surgidos. “ A biblioteca pública de Estocolmo, de Gunar Asplund, inaugurada em 1927, é unanimemente considerada como a primeira biblioteca moderna do século XX, e, como tal, uma referencia maior para toda a arquitetura das bibliotecas contemporâneas. Baseando-se em formas simples e puras como o cilindro e o paralelepípedo, tem uma composição rigorosamente simétrica segundo dois eixos perpendiculares” (BRAGA,QUEIROZ.2010:36).

Como se poderá observar na fig. 4, “ a biblioteca é constituída por três volumes paralelepípedos organizados em U, conformando entre si um pátio central. Do interior deste emerge um volume cilíndrico, subindo muito acima dos volumes periféricos.” (BRAGA, QUEIROZ.2010:36).

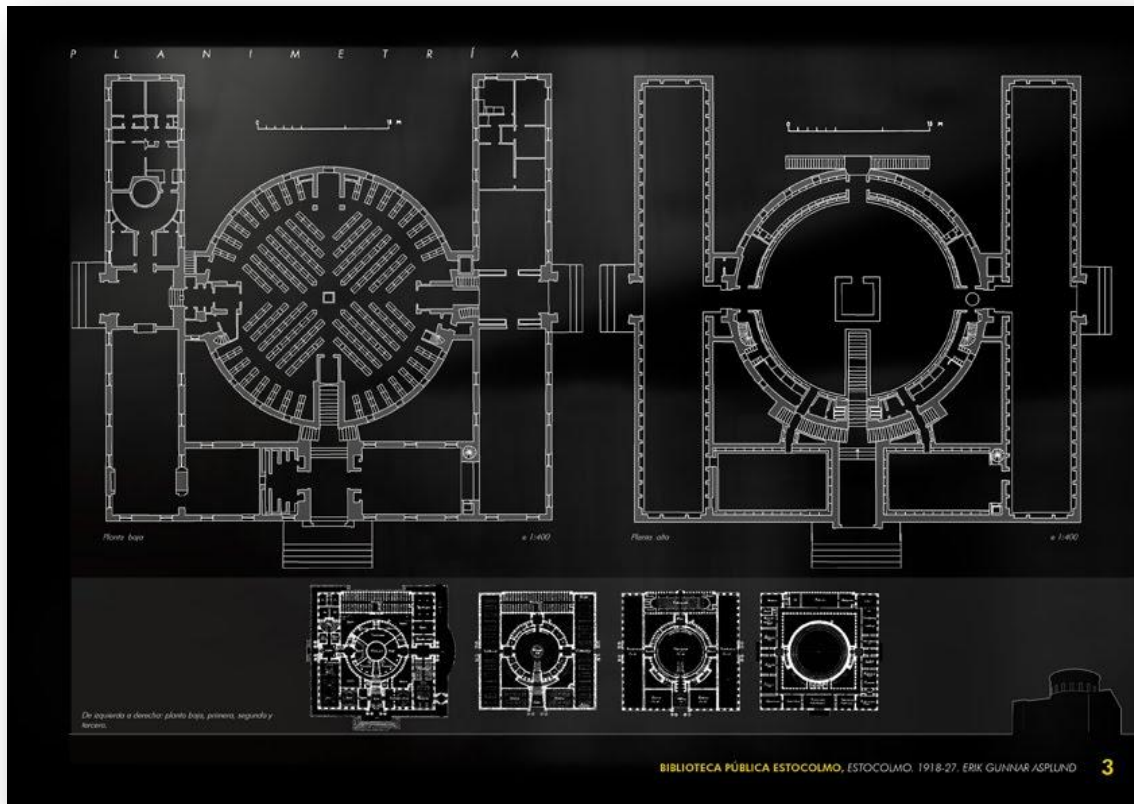


Fig. 4 – Plantas da biblioteca pública de Estocolmo (1921/28)

Na fig. 5, pode-se observar o aspeto, ainda que não geral, da aparência exterior da biblioteca. Há uma nítida colagem ao modelo neoclássico e ao projeto não construído de Boullée. É de ressaltar, que no projeto inicial, Asplund desenhara uma cúpula de vidro para o cilindro maciço que aí foi colocado, e visível na figura que introduzimos.



Fig. 6 - Biblioteca pública de Estocolmo (1921/28)

Distando seis anos de diferença mais da biblioteca de Asplund, Alvar Aalto (1898-1976) vai vencer o concurso para a biblioteca pública de Viipuri (cidade finlandesa à época, atualmente integrada no estado russo, com o nome de Vyborg). O projeto inicia-se em 1927 e conclui-se no ano de 1935. Há, na sua concepção final um modelo bastante diferente daquele que Asplund desenvolvera. Também, é importante dizer que Aalto é um jovem arquiteto perto dos trinta anos. Quando falamos de concepção final, interessa esclarecer que no projeto vencedor, este estaria bem próximo do modelo de Asplund. Como se pode confirmar em várias monografias sobre o arquiteto, na qual destacamos a de Cjoran Schildt (1996). O modelo vai-se aperfeiçoando e metamorfoseando. Na sua versão final, cujo projeto data dos finais de 1933, a biblioteca que se construiu e inaugurou em 1935 apresenta-se bem

diferenciada do projeto inicial. “ A sua composição é assimétrica, conjugando dois volumes, um estreito e cumprido junto à rua, e que alberga a sala de conferências no piso térreo e a área de gabinetes no piso superior, e outro mais largo na retaguarda onde se situa a grande sala de leitura. Esta organiza-se em diversos níveis, um para as estantes, outro para o atendimento e outro ainda para a leitura” (BRAGA,QUEIROZ.2010:37). Como se pode observar nas fig. 6 e 7.

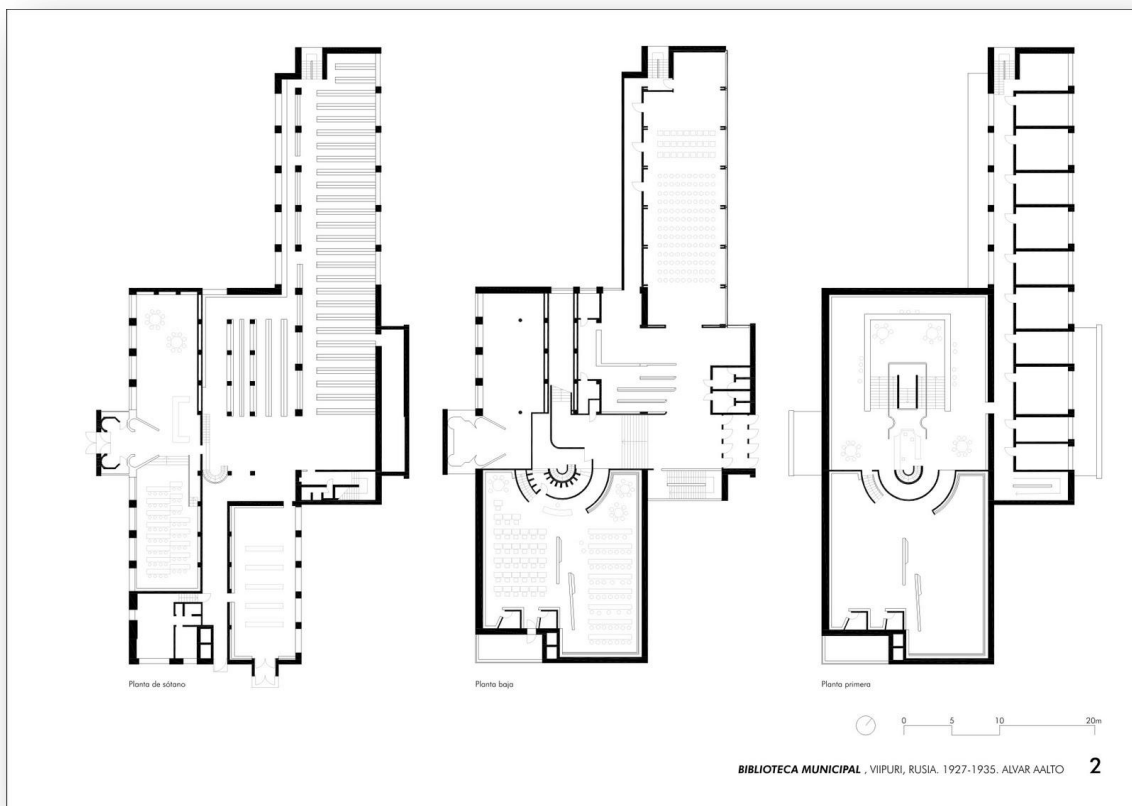


Fig. 6 – Plantas de biblioteca de Viipuri, Alvar Aalto, (1927-1935)

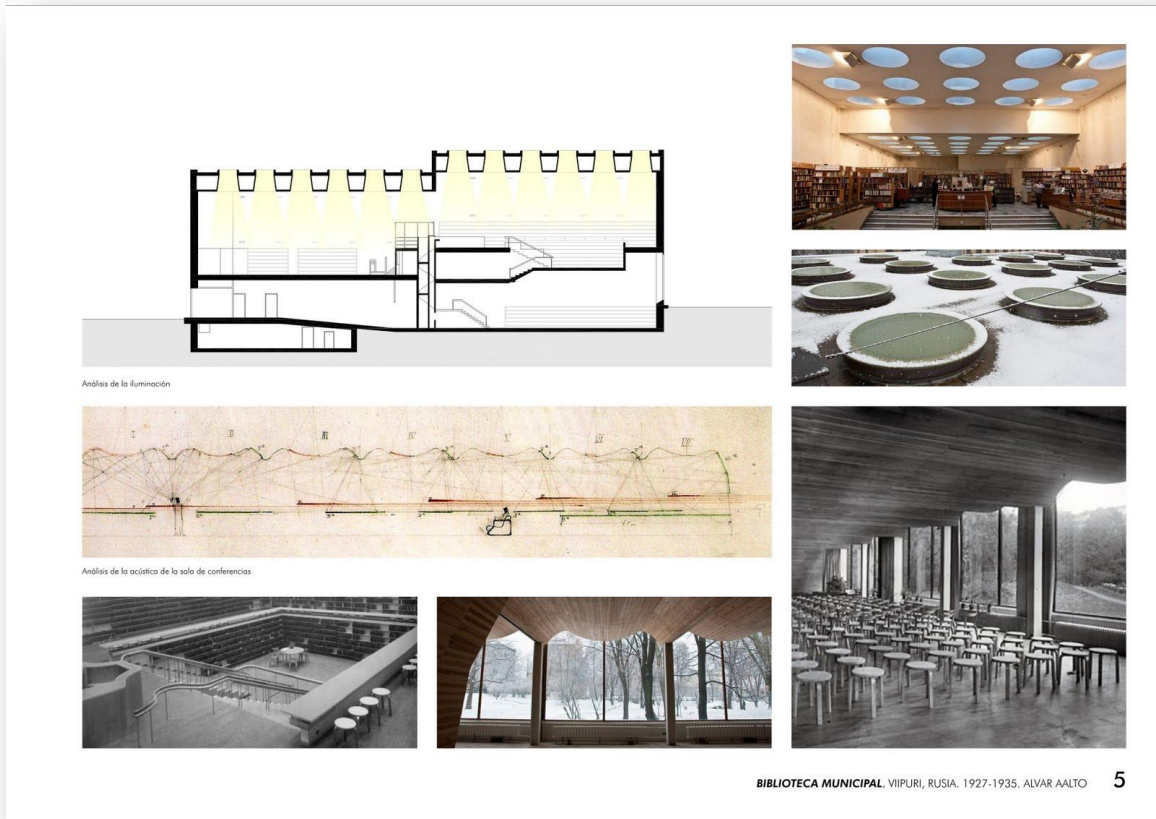


Fig. 7 – Corte e imagens da biblioteca de Viipuri, Alvar Aalto, 1927-1935

O modelo agora, realizado, afasta-se, também da estética neoclássica e aproxima-se à estética de Gropius (1883-1969) e de Le Corbusier (1887-1965). Santi Romero, diz que a partir deste modelo de Viipury “ configuram-se duas posturas distintas referente a um projeto de bibliotecas:

- A primeira, que Alvar Aalto desenvolveu em outros projetos posteriores, baseia-se num volume linear para administração e serviços e um volume de planta poligonal em forma de leque onde se centram as salas de leitura.

- A segunda, Jacobsen, Kahn e outros arquitetos projetam um conjunto de funções que uma biblioteca necessita numa unidade rígida” (ROMERO.2004:28).

E interessante, verificar, que na diversidade do fazer hoje biblioteca, o projeto radica em dois modelos distintos, concretizados nos anos vinte e trinta

do século XX: o de Asplund e o de Aalto. A partir daqui, os modelos de biblioteca, podem variar em escala, volume, complexidade de funções, mas a sua tipologia acaba por encaixar na dicotomia apontada. O que varia, regra geral, é a estética da forma que lhe está subjacente: moderna e ou pós-moderna. Como são os casos das bibliotecas: Britânica (de Colin S.T John Wilson) da Universidade de Eschstatt na Alemanha (de Behnisch e Partner), da Municipal de Haia (Richard Meier) e a de Helsinkia (Kaarlo Leppanen), entre outros que se podem colocar no modelo protagonizado por Aalto. E, do outro lado, na esteira de Asplund, Jacobsen, L. Kahn, são as bibliotecas de Paris (Dominique Perrault), a municipal de Villeurbanne em França (Mário Botta), a Beineke da universidade de Yale, E.U.A (Gordon Bunshaft), entre outras.

Mesmo o caso citado por Michel Melot, pelas bibliotecas projetadas por Jean-Louis Godivier, que apresentam um modelo compósito, este especialista de bibliotecas, acaba por na heterogeneidade das suas construções tender para o modelo que foge ao aprisionamento do quadrilátero, aproximando-se assim, da outra postura traçada por Aalto. “No seu projeto para Roanne, Biblioteca Municipal, Biblioteca universitária, administração e armazéns coexistem nos volumes justapostos, de materiais e cores variados, como num jogo de legos, agrupados num sábio e feliz acaso” (MELOT.1996:17).

1.3- As bibliotecas públicas em Portugal. Tipologias. Futuro

Quisemos transportar para subcapítulo as questões relativas ao caso português, que propositadamente não foi equacionado no capítulo anterior. Creditamos, uma vez mais o livro de António Maria Braga e Manuel de Queiroz, que nos conduz à problemática que nos interessa destacar.

A primeira biblioteca pública existente em Portugal, data de 1796. Chamava-se, Real Biblioteca Pública da Corte. É a antecedente da Biblioteca Nacional, criada em 1836, no triunfo do Liberalismo. Tal, como aconteceu em outros países, e desenvolvido em 1.2 desta dissertação, a Biblioteca Nacional segue o exemplo de se sediar em Lisboa /capital e centralizar em um único

edifício as suas específicas funções. No âmbito dos seus objetivos e finalidades, enferma das mesmas dificuldades já anteriormente apontadas às suas congéneres estrangeiras, condicionando o acesso ao público em geral. Sendo pública, a sua vocação afasta-a do livre acesso e gratuidade. Somente, no séc. XX é dotada de um edifício próprio projetado pelo arquiteto Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957), nos anos 1954/61. A obra foi executada e acompanhada pelo arquiteto António Pardal Monteiro, após a sua morte. “ A Biblioteca Nacional de Portugal, situada no Campo Grande, paredes-meias com a cidade universitária segue o mesmo modelo centralizado da sua congénere francesa e britânica, embora seja mais modesta, quer quanto aos números, quer quanto às características do edifício que a acolhe” (BRAGA,QUEIROZ.2010:15). No seu modelo arquitetónico “aproxima-se em muitos aspetos da postura atribuída a Alvar Aalto, não só pela assimetria total do conjunto, pese embora a localização relativamente central do pórtico de entrada, como pela própria organização do edifício, com um volume estreito e comprido correspondente à fachada principal, onde estão colocados os serviços administrativos, e outro poligonal, do lado de trás, correspondente à grande sala de leitura, rematando no terceiro correspondente à torre dos depósitos, também ele assimétrico “ (BRAGA,QUEIROZ.2010:39/40).

Remetendo-nos para o conceito de biblioteca pública já explorado no ponto 1.2 deste capítulo, deixamos o ubíquo e ou ambíguo sentido que o conceito de biblioteca nacional transporta. Públicas, foram, também as bibliotecas surgidas no rescaldo das lutas liberais, com a extinção das ordens religiosas, e a transformação dos ex-conventos em instituições de cultura, nomeadamente bibliotecas, como foi o caso da biblioteca pública do Porto e de outras espalhadas nas principais cidades de Portugal e Ilhas.

Em 1870 é promulgada uma lei para incrementar as chamadas bibliotecas populares, propondo-se pelo menos uma biblioteca, em cada capital de concelho. Medida corajosa mas de pouco efeito. Medidas idênticas foram retomadas durante a primeira República e período de ditadura. No inquérito efetuado em 1958 constata-se que dos 273 concelhos do continente, apenas 66 possuíam uma biblioteca.

No período pós 25 de Abril, acaba por ser o momento na qual se verifica o grande impulso no desenvolvimento e implementação das bibliotecas públicas em Portugal.

Em 1987 é lançado o Programa de Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, por iniciativa de Teresa Patrício Gouveia, na altura Secretária de Estado da Cultura.

O primeiro objetivo do Programa visava dotar todos os concelhos do país de uma Biblioteca, alinhados com os princípios e pelas normas internacionais. Esta tarefa adivinhava-se bastante ambiciosa, uma vez que em Portugal não existiam Bibliotecas a funcionar segundo estes princípios, os espaços diversificados, para adultos e crianças, empréstimo domiciliário, coleções abrangentes, etc., faziam agora parte do programa.

O programa baseava-se na criação de parcerias entre administração central e local, de modo a permitir a instalação e modernização de Bibliotecas Públicas em todos os municípios.

Cada Biblioteca deveria integrar, em diferentes secções, zona para adultos e crianças, espaços polivalentes, para exposições, atividades, etc. Para além dos livros, jornais e revistas, devem reunir também documentos áudio, vídeo e multimédia, de modo a acompanhar a evolução com que somos confrontados. Deverá também disponibilizar todos os serviços ligados as tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente a Internet.

“ Ao fim de vinte e dois anos passados sobre o seu início, os resultados práticos deste programa falam por si: dos 308 municípios do continente e ilhas, 261 integram a rede nacional de bibliotecas públicas (RNBP). Destes 173 tem já bibliotecas abertas ao público, estando os restantes 88 em diferentes fase de projeto e instalação” (BRAGA,QUEIROZ.2010:18).

Neste contexto assistimos em Portugal e regiões autónomas de uma azafama construtiva de bibliotecas, encomendadas a arquitetos de prestígio como são as bibliotecas de: Viana do Castelo (Siza Vieira), Tavira (Carrilho da Graça) e de Ílhavo (ARX).

A biblioteca pública assume-se com destaque na sociedade. O seu envolvimento com a comunidade é fundamental na defesa da liberdade intelectual, a promoção da leitura e o acesso local a informação. Alguns destes princípios encontram-se consagrados no **Manifesto da Unesco/IFLA sobre Bibliotecas Públicas** (Apresentado na íntegra em apêndice documental). Estes " só serão atingidos quando todos os cidadãos estiverem em posse de toda a informação que lhes permita exercer os seus direitos democráticos, e ter um papel ativo na sociedade. A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória, como de um acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e informação".

Dotar os municípios capazes, disponíveis para a cultura e lazer, torna-se fundamental para o desenvolvimento local e social. Neste contexto as bibliotecas públicas, pela sua própria definição desempenham um papel determinante. Nas últimas três décadas, muito se tem feito no desenvolvimento da rede de bibliotecas, esta reestruturação, apresenta como principal objetivo, dotar cada município com um edifício atual, eficaz, ajustado às necessidades e novos desafios, que uma sociedade em constante mutação nos exige. De facto verificamos que a biblioteca de hoje apresenta ou incorpora um conjunto de mais-valias que antes não se verificavam. Deixaram de assumir apenas o papel de um local onde se armazenavam e liam livros, passando a assumir um conjunto de funções mais abrangentes, em rede, criando possibilidade de conhecimento múltiplas, diversas e interativas. Nos dias de hoje ir a biblioteca já não significa apenas requisitar e ler um livro. Outras valências começaram a fazer parte do quotidiano das mesmas. A autoformação, a leitura de periódicos, os eventos, as conferências, as novas tecnologias, o café, as exposições, etc. passaram a fazer parte do compromisso da biblioteca perante a sociedade, criando desta forma dinâmicas de utilização e interação com a sociedade completamente diferente da convencional.

A biblioteca de hoje apresenta-se como um espaço mais funcional e abrangente, mas essencialmente mais democrático.

Pode, ainda, resumir-se do manifesto **Unesco/IFLA**, as seguintes missões-chaves da biblioteca pública relacionadas com a informação, a alfabetização, a educação e a cultura:

“ 1-Criar e fortalecer hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância;

2-Apoiar a educação individual e a autoformação, assim como a educação formal a todos os níveis;

3-Oferecer possibilidades de um criativo desenvolvimento pessoal;

4-Estimular a imaginação e criatividade das crianças e jovens;

5-Promover o conhecimento sobre a herança cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas;

6-Facilitar o acesso às diferentes formas de expressão cultural das manifestações artísticas;

7-Fomentar o diálogo intercultural e, em especial, a diversidade cultural;

8-Apoiar a tradição oral;

9-Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação à comunidade;

10-Proporcionar serviços de informação adequados às empresas locais, associações e grupos de interesse;

11- Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática;

12- Apoiar, participar e, se necessário, criar programas e atividades de alfabetização para os diferentes grupos etários.”

No contexto das suas funções educativas sociais e informativas, “ as bibliotecas públicas de acordo com o programa de apoio as bibliotecas públicas da DGLB (Versão de 2007), são compostas essencialmente por áreas de serviço público e áreas destinadas ao serviço interno. A área de serviço público inclui para além do átrio de entrada, uma sala polivalente, uma secção de adultos divididas em diferentes zonas destinadas ao empréstimo,

consulta local, leitura de periódicos, autoformação e atendimento do público e uma secção infantil composta por duas áreas separadas em dois grupos etários – até aos 5 anos e entre os 5 e os 12 anos, incluindo também uma zona de empréstimo e uma zona de consulta local e ainda uma área de animação. A área do serviço interno inclui, por sua vez, depósito de documentos e sala de informática" (BRAGA,QUEIROZ.2010:64).

As necessidades físicas da biblioteca pública, assim colocadas, permitem ao arquiteto e sua equipa, saber o que contemplar. Há, ainda que obedecer aos três parâmetros tipológicos para a dimensão do edifício:

“Nos concelhos com menos de 20 000 habitantes, classifica-se como sendo uma **BM1**, na qual área útil (somatório das áreas dos espaços que compõe a Biblioteca, excluindo zonas de circulação e paredes) se situa nos 752m² e uma área bruta de 1053m² (acresce áreas de circulação, técnicas e paredes), distribuídas pelos seguintes espaços:

Serviço público – 575m²

- Átrio – 60 m²
- Sala Polivalente – 70 m²
- Secção de adultos – 240 m²
- Secção Infantil – 170m²
- Instalações sanitárias públicas – 35m²

Serviços internos – 177m²

- Gabinetes de trabalho – 70m²
- Sala de Reuniões – 15m²
- Manutenção – 20m²
- Depósito de documentos – 40m²
- Sala de informática – 10m²

- Instalações sanitárias – 12m²
- Arrumos – 10m²

Nos concelhos com um número de habitantes compreendidos entre os 20 000 e os 50 000, classifica-se como sendo uma **BM2**, na qual a área útil (somatório das áreas dos espaços que compõe a Biblioteca, excluindo zonas de circulação e paredes) se situa nos 1345m² e uma área bruta de 1883m² (acresce áreas de circulação, técnicas e paredes), distribuídas pelos seguintes espaços:

Serviço público – 1005m²

- Átrio – 120 m²
- Sala Polivalente – 115 m²
- Secção de adultos – 430m²
- Secção Infantil – 290m²
- Instalações sanitárias públicas – 50m²

Serviços internos – 340m²

- Gabinetes de trabalho – 130m²
- Sala de Reuniões – 20m²
- Manutenção – 30m²
- Depósito de documentos – 110m²
- Sala de informática – 10m²
- Sala do pessoal – 10m²
- Instalações sanitárias – 15m²
- Arrumos – 15m²

Nos concelhos com um número de habitantes superiores a 50 000, classifica-se como sendo uma **BM3**, na qual a área útil (somatório das áreas dos espaços que compõe a Biblioteca, excluindo zonas de circulação e paredes) se situa nos 1900m² e uma área bruta de 2660m² (acresce áreas de circulação, técnicas e paredes), distribuídas pelos seguintes espaços:

Serviço público – 1430m²

- Átrio – 150 m²
- Sala Polivalente – 140 m²
- Secção de adultos – 650m²
- Secção Infantil – 400m²
- Instalações sanitárias públicas – 70m²

Serviços internos – 470m²

- Gabinetes de trabalho – 200m²
- Sala de Reuniões – 20m²
- Manutenção – 40m²
- Depósito de documentos – 150m²
- Sala de informática – 10m²
- Sala do pessoal – 10m²
- Instalações sanitárias – 20m²
- Arrumos – 20m² “ (BRAGA,QUEIROZ.2010:64/65).

“ Para os grandes municípios, tais como Porto, Braga. Évora e Lisboa foram previstos um programa designado de BIBLIOPOLIS, que foi já concretizada nos municípios Braga e do Porto, em que se poderá aplicar um

projeto especial, adaptado às condições pré-existentes, baseado numa análise das necessidades futuras e num programa elaborado caso a caso.

No caso das regiões autónomas dos Açores e Madeira, foram propostos programas de edificação distintos, tendo em consideração, a especificidade das respetivas situações, nomeadamente a menor dimensão, tanto populacional como em área dos municípios" (BRAGA,QUEIROZ.2010:59).

Ainda, antes de terminar este subcapítulo importa refletir sobre o futuro das bibliotecas. Este assunto é transversal à problemática desenvolvido no capítulo I no seu todo. O receio da quebra do livro impresso frente as possibilidades digitais foi infundado. A biblioteca soube adaptar-se às exigências da sociedade atual e às novas possibilidades tecnológicas da informação e do conhecimento. Não faltam testemunhos dos novos espaços construídos, em Portugal, na Europa e no Mundo. A biblioteca nas suas diversas especialidades é um equipamento em crescente solicitação de encomenda, querem projetos novos e ou então amplamente reabilitados ou renovados.

Pudemos constatar que o livro não só não tem sido substituído, mas sim crescido no seu número e variedade, assim como os utilizadores da biblioteca são cada vez mais.

A situação caminhará mais no sentido " de complementaridade entre diferentes espaços e suportes, reais ou virtuais, do que para a substituição de uns pelos outros. (Na época em que vivemos) em permanente e acelerada mutação em todos os domínios, as bibliotecas têm que ser capazes de responder em permanência a novas exigências e necessidades, criando novos serviços e centros de interesse que reforcem o seu papel fundamental na sociedade." (BRAGA,QUEIROZ.2010:42).

Os mesmos autores, citando Michel Melot e Santi Romero, apresentam um conjunto de dificuldades que se colocam hoje ao funcionamento das bibliotecas.

" Primeira dificuldade: os tipos de biblioteca variam: investigação, informação, leitura pública. Às vezes apõem-se: umas são estritamente

reservadas, outras largamente abertas ao público, outras ainda oferecem os seus serviços apenas à distância. Tudo iria bem se não tivéssemos senão que construir um só tipo de cada vez, mas nenhum destes tipos é completamente puro em relação aos outros, neles os usos diferentes encontram-se e as suas exigências contraditórias misturam-se. As bibliotecas municipais são rapidamente ocupadas, muitas vezes maioritariamente, por estudantes e investigadores. Inversamente as bibliotecas do primeiro ciclo, parecem-se estranhamente com bibliotecas de leitura pública..."

"Segunda dificuldade: a utopia da biblioteca total, onde se obtém tudo, sobre tudo, instantaneamente, apaga-se do nosso horizonte ao ritmo do crescimento fenomenal da produção: um milhão de títulos produzidos todos os anos no mundo, setecentos mil títulos de periódicos conhecidos, milhares de bases de dados e centenas de pré-tiragens quotidianas em certas disciplinas científicas, também ao ritmo da evanescência da informação, cada vez mais efémera, ao ritmo da facilidade dos sistemas de reprodução e de telecomunicações que obrigam a conceber uma biblioteca, já não como um lugar totalizador da acumulação do saber, mas como local de partilha e de redistribuição, ligada por antenas do mundo inteiro, entre as quais o saber circula sem parar."

"Terceira dificuldade: uma biblioteca já não é somente um armazém onde o leitor se serve e é servido. É cada vez mais, um conjunto de serviços de que o leitor se serve e os quais tem direito. (...) A gama de serviços alarga-se a cada dia, pois as facilidades oferecidas aos estudantes universitários (salas de grupo ou carrels individuais) são muito redutoras para os leitores (são muitas vezes os mesmos) da secção de "estudos" das bibliotecas municipais e, reciprocamente, os espaços de animação, que não se encontravam até agora senão nas bibliotecas de leitura pública, são também úteis ao meio universitários. Os equipamentos para deficientes motores (espaços insonorizados, aparelhos de leitura adaptados, salas de repouso, planos de trabalho para duas pessoas) são muito apreciados por toda a gente. Os serviços fornecidos em presença são solicitados à distância e a maior parte

dos postos de leitura das futuras bibliotecas são “aparelhados”. Eis pois a nossa biblioteca a construir.” (BRAGA,QUEIROZ,2010;42/43).

Para Santi Romero a solução passa pela concepção, apostando na versatilidade dos edifícios“ apesar do momento levantar muitas duvidas no que respeita à concepção de uma biblioteca, o resultado final deve ser um edifício em que a organização dos espaços responda às necessidades de uma mudança constante.Para isso a sua concepção deve desenvolver-se sob uma sérei de considerações:

A presença de diferentes tipos de utilizadores, cada um com exigências de informações diferentes, faz com que os espaços de leitura requeiram uma articulação mais marcada que no passado;

A velocidade de uso exige uma distribuição com orientação mais fácil, maior clareza de itinerários e mais adequada sinalização;

As exigências de flexibilidade, impostas pelas possíveis variações tanto em numero de utilizadores como em relação às suas necessidades, reclamam uma tipologia estrutura com menor rigidez e menos baseada em hipoteses de funcionamento pré-fixadas;

Estas modalidades de funcionamento, válidas tanto para bibliotecas pequenas como grandes, requerem para as mais pequenas uma maior sobreposição e alternância das funções.” (BRAG,QUEIROZ.2010:43/44).

Santi Romero “esboça” também o que poderá ser uma tipologia de biblioteca futura:

“ Edifício como grande contentor que possa adaptar-se às mudanças que se vão produzindo. Os projectos baseados em programas demasiado concretos dão como resultado modelos rigidos.

Organização das circulações verticais e horizontais libertando espaços de fácil adaptação a diferentes usos.

Espaços de trabalho e consulta pensados como naves diáfamas dotadas de uma rede de intalações de dimensões generosas e de fácil acesso. Não é necessário desenhá-las para um programa concreto, somente

permitir que possam somar-se ou dividir-se. Aqui o esforço criativo deve aplicar-se ao espaço, ao jogo de luz e de sombras, sem renunciar ao carácter emblemático que um espaço público deve possuir.

Os espaços de acolhimento, como o átrio, as escadas e as salas multifuncionais, conformam a entrada na biblioteca. Como tal, há que dotá-los da dimensão e do simbolismo necessários para os edifícios públicos." (BRAGA,QUEIROZ.2010:44).

CAPITULO 2

2 – Um caso de estudo: A biblioteca Municipal de Ílhavo

Trouxemos para este segundo capítulo, a nossa opção de apresentar e explorar um caso de estudo: A biblioteca municipal de Ílhavo.

Para além do enquadramento histórico do lugar, quisemos destacar os autores da biblioteca de Ílhavo. Relembre-se que esta dupla segue o propósito aaltiano, em oposição a outras bibliotecas, também construídas, sensivelmente em igual período. Isto é, que se colocam na outra postura.

2.1 – Cidade de Ílhavo

Do mapa turístico de Ílhavo, recheado de informações textuais e imagísticas, impresso (2011) pelo Município e ou online construímos o texto que se segue.

O Município de Ílhavo apresenta como principal característica a sua ligação à Ria e ao mar. Os pescadores são uma memória ainda presente (fig.8).



Fig. 8 - O mar, a ria e o pescador

Ílhavo apresenta-se como uma terra bastante empreendedora, soube respeitar o seu passado, preservando os costumes das suas gentes e ao

mesmo tempo soube enriquecer o seu património cultural, com projetos arrojados: O Museu Marítimo de Ílhavo, Centro Cultural de Ílhavo ou a Biblioteca Municipal de Ílhavo, são bons exemplos do que de bom se tem feito.

O Município apresenta uma área territorial de aproximadamente 76 Km², situada na Orla Litoral Sul do Distrito de Aveiro, inserido na Região Centro e do Baixo Vouga do País, integrando também a vasta área da Ria de Aveiro.

Ílhavo apresenta-se como uma vasta planície de baixa altitude, na qual os braços da Ria e os seus longos areais, sobressaem como elementos marcantes da paisagem, caracteriza-se por um clima pouco húmido e de transição entre o clima temperado mediterrâneo e o oceânico propriamente dito.

Para além do referido, podemos também constatar outros motivos de interesse que Ílhavo nos pode presentear, os seus cinco quilómetros de costa, com o seu Farol e os Palheiros coloridos às riscas são elementos marcantes da região.



Fig. 9 – Pormenor dos palheiros e os 5 Km de costa

Apresenta-se ainda como um local privilegiado para os desportos náuticos e radicais, dispondo de vários equipamentos de atividade física e de lazer, como são os casos das Piscinas Municipais de Ílhavo e Gafanha da

Nazaré, a Escola Municipal de Educação rodoviária, o Ecocentro Municipal, o Fórum da Juventude, assim como diversos espaços verdes.

Ílhavo é também bastante conhecido pelas suas festividades de verão e grandes eventos culturais e gastronómicos.

A nível demográfico e de acordo com os censos de 2011, o Município de Ílhavo regista uma população residente de 38.598 indivíduos, distribuídos por 18.407 do sexo masculino e 20.191 do sexo feminino.

Segundo o INE, o Município apresenta-se como sendo o maior em densidade populacional da região de Aveiro, com 525.1 hab/Km².

Relativamente à distribuição da população por grupos etários, verificamos a predominância do grupo etário entre os 25 e os 65 anos, seguindo-se os indivíduos com mais de 65 anos, e em terceiros os indivíduos entre os 0 e os 14 anos.

Pudemos verificar que a população tem melhorado nas últimas duas décadas, depois do decréscimo entre as décadas de 60 e 70, fruto da situação conjuntural do país (Ditadura e Guerra Colonial), traduzindo-se numa forte onda de emigração.

A partir da década de 80, este decréscimo é invertido, passando a apresentar uma tendência de constante crescimento. Entre 1991 e 2001 registou-se um aumento de 12%, entre 2001 e 2011, um acréscimo de 3,73%.

2.2 – Os arquitetos Nuno e José Mateus e a Biblioteca de Ílhavo

Uma curta resenha biográfica sobre os dois arquitetos impõe-se, como apresentação dos autores da biblioteca municipal de Ílhavo. Os elementos retirados de sítios na internet (dos próprios artigos, conferencias, blogues) de revistas e monografias que versão a obra realizada.

Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus, Nasceu no ano de 1961, em Castelo Branco. Licenciou-se pela FAUTL no ano de 1984. Em 1987 é Master of Cience/Building Design, Columbia University/NY. Professor universitário, conferencista e colaborador como arquitecto profissional em ateliers estrangeiros, onde destacam Peter Eisenman e Daniel Libeskind.

José Paulo Feio Ribeiro Mateus, nasceu no ano 1963 em Castelo Branco, licenciou-se na FAUTL em 1986. Professor Universitário, conferencista, crítico e escritor. Colaborou como arquiteto profissional em ateliers nacionais e estrangeiros, onde se destacam João Paciência e Daniel Libeskind. Foi vice-presidente da Ordem dos Arquitetos. Presidente da Trienal de Arquitetura.

Em 1990 os dois, fundam em Lisboa a ARX Portugal.

Do conjunto da obra projetada e construída, interessa salientar, neste caso, a obra premiada de ampliação e remodelação do Museu Marítimo e Ílhavo. Inaugurado a 21 de Outubro de 2001, é só por si uma obra de arte pública. É um belo exemplar de arquitetura moderna, num preto e branco bem conjugado com a volumetria dos espaços ", como se pode ler num folheto impresso da Câmara Municipal. De acordo com os seus testemunhos, entrevista pretérita dos arquitetos: " Esta foi a primeira obra em que construímos o museu e o conteúdo. Acho que, muito simples e pragmaticamente, tentamos dar resposta, sala a sala, às necessidades, que são muito diferentes de uma para outras (consoante o que devem albergar). Acho que a obra não tem nenhuma tese, nenhum princípio moral relativamente à museologia contemporânea. Foi muito descontraidamente feito com todas as pessoas que estiveram envolvidas no projeto: os antigos diretores, o presidente dos Amigos do Museu

de Ílhavo e os anteriores responsáveis pelo espaço " (RATO. 2003:41). O trabalho cumprido foi, como já o referimos " distinguido com o prémio AICA/MC da Associação Internacional dos Críticos de Arte do Ministério da Cultura, nomeado para o prémio Secil 2002 e para o prémio da União Europeia para a Arquitetura Contemporânea 2003/ Mies Van der Rohe ", em continuação de citação do mesmo folheto.

Ou seja, uma obra que se distingue, acrescentando e valorizando o património existente, reorganizando urbanisticamente um espaço banal. Não estranhámos, que o projeto da Biblioteca Municipal lhes fosse adjudicado (2002-2005).

Nos folhetos impressos da Câmara Municipal e/ou nos sítios, retiramos o resumo que se segue: a hipótese de se mandar construir uma biblioteca municipal em Ílhavo, segue os trâmites em vigor, num processo que se inicia em 2001, aquando da candidatura da CMI ao IPLB. Vê aprovada a sua candidatura uns meses depois. A assinatura protocolar acontece em Setembro de 2002. O concurso data de 1 de Março de 2004, a obra inicia-se em Setembro. A assinatura do contrato programa CMI/IPLB teve lugar nos inícios de Janeiro de 2005. Finalmente, a 11 de Setembro é inaugurada. A hipótese concretizava-se, trazendo à cidade e ao concelho uma mais valia social, cultural e patrimonial. "O edifício localiza-se na zona poente da cidade de Ílhavo (Alqueidão), numa zona de expansão urbana em processo de estruturação e desenvolvimento. Nesse sentido optou-se não apenas desenhar uma biblioteca, mas antes de mais articular as diversas volumetrias existentes, por forma a clarificar e consolidar fragmentos urbanos sem aparente sentido de conjunto", como se pode ler na íntegra em citação retirada do mesmo folheto impresso/online. Na sequência a que a dupla ARX / Nuno e José Mateus, fizera no resultado da ampliação do Museu Marítimo de Ílhavo, o desafio sendo novo é similar em termos de melhoramento urbano, equipamento público, com a condicionante das pré-existências de um solar bastante arruinado, datado do século XVII/XVIII. Aliás, em citação da fonte que temos vindo a utilizar, " a Biblioteca Municipal de Ílhavo está instalada no

que resta do solar Visconde de Almeida, edifício nobre datado dos séculos XVII/XVIII e posteriormente alterado e demolido. Do edifício original subsistia apenas a fachada principal (sudeste) e a capela, ambas em ruínas". Como se pode observar na fig. 10.



Fig. 10 – Fachada principal (sudeste) do solar e capela em ruínas

José Mateus descreve este edifício em ruína como um elemento de grande valor e uma raridade na cidade de Ílhavo, "já nada restava, mas o que persistia do edifício eram elementos de uma arquitetura qualificada, nas proporções do desenho e elegância de todo o trabalho de cantaria. São registos construídos que rareiam em Ílhavo, que ancoravam o palácio nas ruas e que por isso se entendeu preservar e integrar. ". O edifício da biblioteca localiza-se na periferia da povoação atual, apresentando-se como uma zona algo desarticulada e um pouco problemática, José e Nuno Mateus referem como intenção do projeto "não apenas de desenhar uma biblioteca, mas antes de mais articular as volumetrias diversas do contexto, clarificar e

consolidar fragmentos urbanos sem aparente sentido de conjunto." Como se pode observar na fig. 11.



Fig.11 – Fachada principal (sudeste) do antigo solar e capela recuperada integrando a nova biblioteca

No programa preliminar, consistia na criação de três núcleos distintos, a Biblioteca, o Fórum da Juventude e a Capela. Programa este que pela sua extensão não era possível confinar apenas aos espaços que constituíam o Solar. Assim José e Nuno Mateus optam por agrupar toda a zona administrativa da Biblioteca dentro dos limites do antigo solar, encostados à fachada principal do palácio, esta opção deriva por se tratar de" espaços mais compatíveis com a métrica dos vãos existentes, devolvendo o carácter de edifício, ao que era já um mero cenário decadente. Há contudo uma clara identificação de que se trata de uma nova arquitetura, que existe em simbiose com as pré-existências."

A conceção do restante edifício “exterior” ao solar, o (s) arquiteto (s) assume uma intenção clara de dotar o edifício de um carácter público e cívico bem vincado, estabelecendo relações morfológicas com a envolvente, salientando que este funciona como “peça de fecho que incorpora na sua fisionomia os caprichos da envolvente”. Como se pode verificar na fig. 12.



Fig. 12 – Fachada com a torre anexa biblioteca/fórum da juventude

Na capela, apesar de o levado estado de degradação em que se encontrava e espoliada de elementos decorativos muito importantes, a intenção passou por tentar preservar as evidências possíveis da sua história. O mobiliário é redesenhado assim como o retábulo de Pedro Calapez, repondo assim “ a tipologia e sentido de policromia original. Pretende-se reativar o culto na capela.” (Arquitetura Ibérica.2006:36). Observe-se a fig. 13.

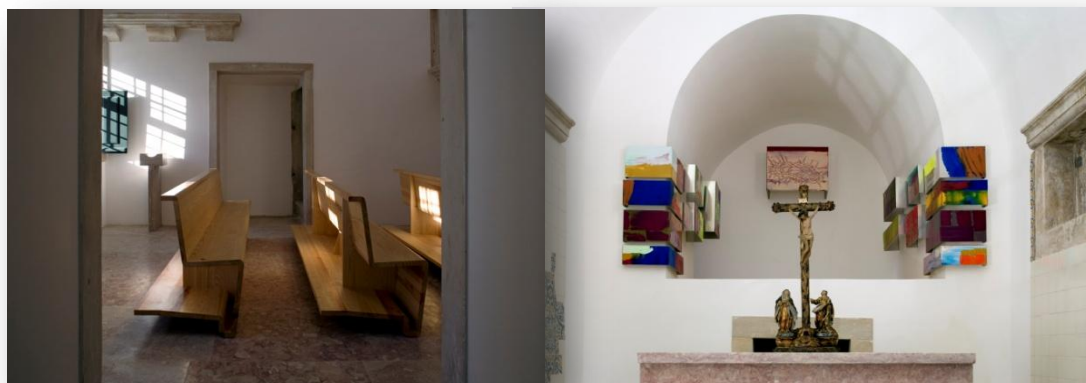


Fig. 13 – Interior da capela existente na biblioteca

Neste contexto surge a Biblioteca de Ílhavo, um equipamento moderno, a partir de uma pré-existência, convertido para novos usos públicos, preservando e fazendo ponte entre a memória coletiva da cidade/lugar e o seu futuro. "Tomando como ponto de partida o volume correspondente a um antigo solar em ruínas, de que já só restam a fachada principal e uma capela, o edifício desenvolve-se em leque a partir de um vasto átrio de pé direito duplo, a que se acede por uma enorme pala triangular. Tal como nas bibliotecas de Aalto, os serviços situam-se num volume rectilíneo estreito e comprido, voltado para a rua, correspondente ao antigo solar, enquanto nos outros volumes, desencontrados e assimétricos, se situam as secções infantil e dos adultos, esta prolongando-se para o piso superior, bem como o Fórum da Juventude, parte integrante do conjunto. No entanto estes volumes assimétricos e desencontrados não estão voltados para o exterior, como as bibliotecas de Aalto, mas pelo contrário para o interior do lote, já que se trata de um edifício construído em pleno núcleo urbano, rodeado de construções descaracterizadas, sem qualidade, às quais o edifício decididamente volta as costas. O tratamento e condução da luz natural pela área do átrio e das secções são objeto de uma atenção muito particular, com resultados surpreendentes." (BRAGA, QUEIROZ.2010:40/41).

2.3 – Organização funcional da biblioteca

Quisemos remeter para aqui, um percurso pelo espaço interno da biblioteca. Na figura 14, observa-se a planta do piso 0. Pode-se verificar no espaço confinado ao antigo solar, a concentração dos serviços internos da Biblioteca, assim como o restante espaço destinado aos serviços externos.

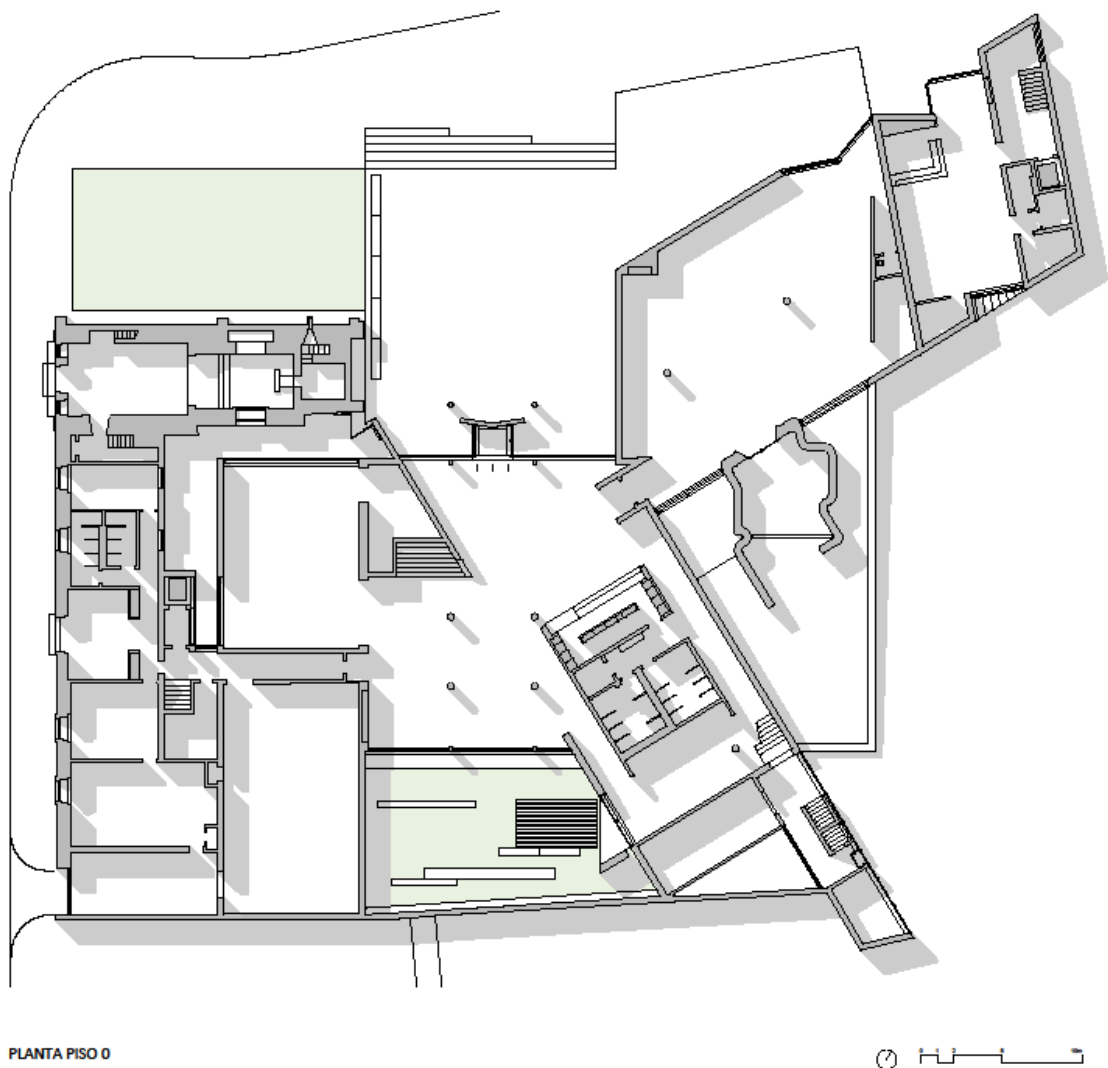


Fig. 14 – Planta do Piso 0 da biblioteca

Piso 0:

Serviços Internos:

Carga e descargas – 34,00 m²

Depósito de difusão – 44,00 m²

Depósito de Documentação – 120,00 m²

Manutenção – 25,00 m²

Hall espera – 21,00 m²

Instalações sanitárias feminino – 8,42 m²

Instalações sanitárias masculino – 6,15 m²

Sala do pessoal – 15,00 m²

Serviços Externos:

Sala polivalente – 98,00 m²

Arrumos – 19,00 m²

Átrio/ Exposições – 93,00 m²

Instalações sanitárias feminino – 13,20 m²

Instalações sanitárias masculino – 12,50 m²

Instalações sanitárias deficientes – 3,60 m²

Cafeteria – 41,00 m²

Secção Infantil – 243,00 m²

Sala do Conto – 30,00 m²

(referencias facultadas pelos próprios arquitetos)

Na figura 15, observa-se a planta do piso 1. Continuando a verificar-se no espaço confinado ao antigo solar, a concentração dos serviços internos da biblioteca, os restantes espaços destinado aos serviços externos.

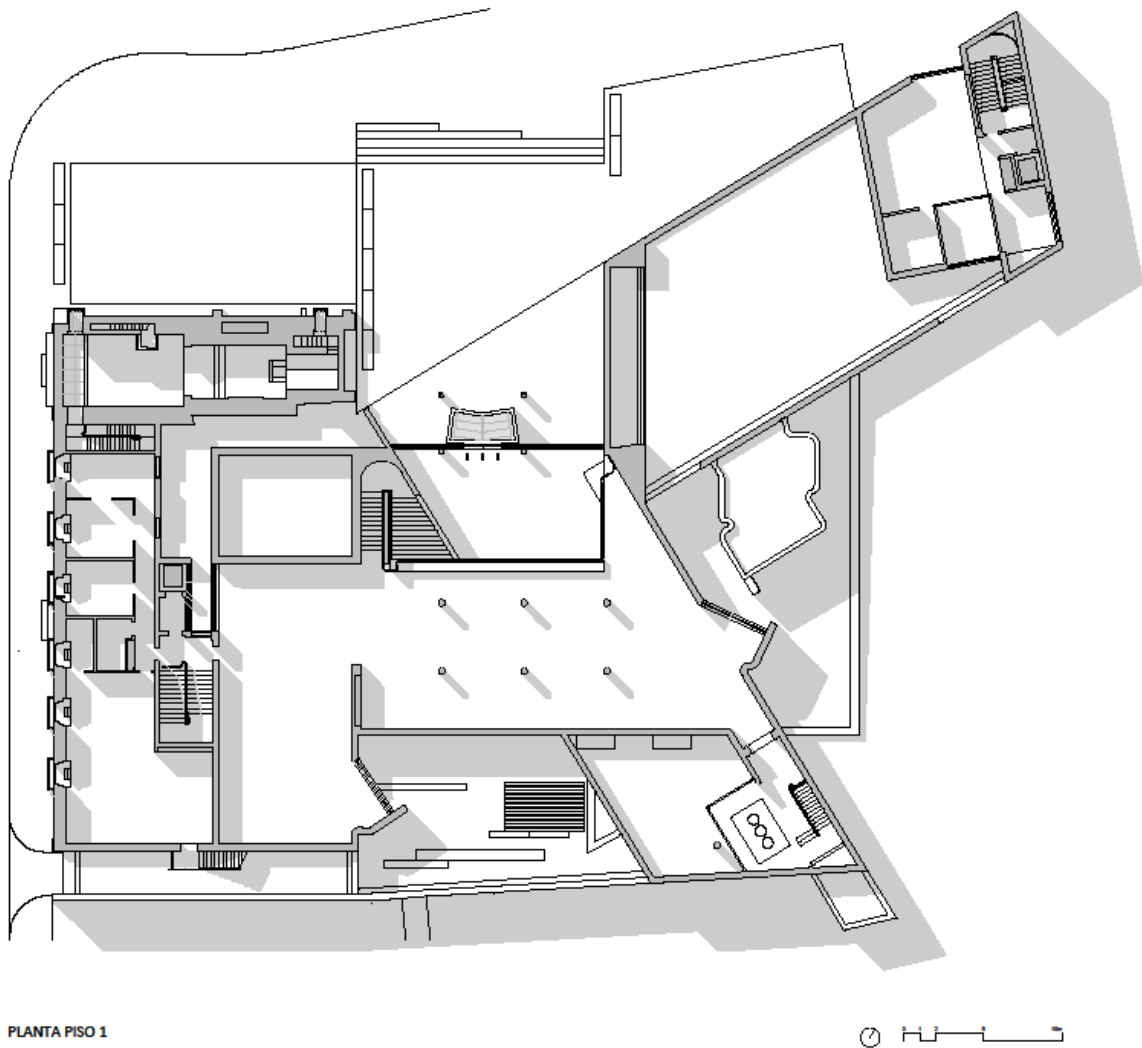


Fig. 15 – Planta do Piso 1 da biblioteca

Piso 1:

Serviços Internos:

Gabinete trabalho – 87,00 m²

Servidor – 6,30,00 m²

Bibliotecário 2 – 14,60 m²

Sala de Reuniões – 15,00 m²

Gabinete Bibliotecário – 15,00 m²

Serviços Externos:

Secção Adultos – 395,00 m²

(referencias facultadas pelos próprios arquitetos)

Piso Térreo

A zona de entrada desenvolve-se através de um pé direito duplo e transparente para o seu exterior, esta encontra-se estrategicamente orientada a sudoeste e noroeste de formar a contornar os ventos dominantes, conforme se verifica na fig.16.



Fig. 16 – Entrada principal da biblioteca orientada a sudoeste e noroeste

A zona do átrio divide-se em duas partes, a primeira em pé direito duplo, apresenta-se como mais institucional, funcionando como um elemento de distribuição aos restantes espaços da biblioteca.

A segunda como um espaço na qual podem ocorrer exposições temporárias, ou alguns eventos.

Neste espaço, surge a escada que dá acesso à secção de adultos, sala polivalente e serviços internos, e no sentido oposto, o acesso à secção infantil, conforme se verifica na fig.17.



Fig. 17 – Átrio de entrada e acesso ao piso superior, secção de adultos

1º Andar

Neste piso situa-se basicamente a secção de adultos, na qual é acessível através da escadaria do hall, apresentando uma vista privilegiada para o hall de pé direito duplo, apresenta-se como um local com bastante luz natural, derivado da existência de uma grande claraboia e pela superfície envidraçada da entrada, conforme fig.18.



Fig. 18 – Zona de entrada vista da secção de adultos

CAPITULO 3

3- Uma Biblioteca Municipal para Caminha – Projeto 5º ano

Neste último capítulo, como referimos anteriormente na introdução, interessa-nos dar a conhecer o trabalho desenvolvido no decorrer do 5º ano, na unidade curricular de projeto, quando nos foi proposto a elaboração de uma biblioteca para o município de caminha. Assumindo-se de uma forma clara como postura oposta ao projeto da biblioteca municipal de Ílhavo.

Compreender e conhecer a cidade de caminha, revelou-se fundamental para se perceber que tipo de infraestrutura se pretendia. Quais as mais-valias? Os seus objetivos? O seu impacto na paisagem urbana? As oportunidades que um edifício desta natureza poderia proporcionar ao concelho de caminha.

Posto isto, a estratégia, passava por criar um edifício que respeita-se e se identificasse com os valores intrínsecos da região, definir com clareza a dimensão e os propósitos a que a biblioteca deveria responder, considerando a especificidade do concelho de caminha. A classificação, no que reporta à sua dimensão (da biblioteca) foi um dos primeiros elementos a serem concretizados. Em seguimento disto passamos para a elaboração de um programa base e organograma funcional para a biblioteca, assim como uma selecção estratégica do local a intervir que servisse os propósitos lançados.

O conceito, revestiu-se como um elemento primordial e elemento marcante em todo o processo, este deverá conter os valores intrínsecos da região.

Por fim uma breve “memória descritiva”, na qual referimos/ justificamos todas as opções tomadas no desenvolvimento do projeto da biblioteca.

3.1 - Cidade de Caminha e sua composição

Os sítios da Câmara Municipal de Caminha disponibilizados online serviram-nos para recolher as informações que se seguem:

O município de Caminha situa-se a Norte de Portugal, mais concretamente no Distrito de Viana do Castelo.

Este encontra-se delimitado a sul pelo distrito de Viana e a norte pelo rio Minho, a nascente pelos concelhos de Vila Nova de Cerveira e Ponte de Lima, a poente pelo oceano atlântico.

Caminha apresenta-se como um concelho cheio de potencialidades, para isso contribuem vários fatores: a sua localização geográfica, a proximidade com Espanha; relação direta com mar e rio; a gastronomia; o património histórico, são apontados como riqueza e elementos consideráveis a potenciar/preservar na região de Caminha.



Fig. 19 – Fotografia aérea e localização de Caminha no mapa de Portugal

A foz do rio Minho assume uma importância extrema, uma vez que se apresenta como parte integrante da paisagem da vila, sendo possível o seu atravessamento para Espanha através do terminal existente, permitindo o transporte de pessoas, veículos, mercadorias, etc.

A proximidade com Espanha revela-se também importante, uma vez que aqui, aflui um considerável número de visitantes do nosso país vizinho, intensificando a interação, e por consequência, uma fonte de riqueza considerável. Ao nível dos sectores de atividade, podemos verificar atividades dispersas:



Fig. 20 – Barcos e redes de pesca junto à marginal de Caminha

Funções produtivas: três tipos: Pesca, profissões liberais e comércio, instalações fabris e turismo.

Indústria - Embora muito restritas, as atividades secundárias relacionadas com a indústria põem problemas que permitem avaliar até que ponto estão ou não dependentes do condicionamento da região, enquanto a pesca, assegura trabalho permanente a menos de duas centenas de pessoas.

Funções Urbanas - Tendo surgido das práticas marítimas, caminha desenvolveu-se dissociada mente: na pesca e o comércio marítimo, recentemente aposta numa política de comércio tradicional e turismo.

Função residencial - Dependendo das funções socioeconómicas que garantem a sobrevivência e a permanência da população residente, a função residencial justifica a «produção» de habitação e suas infraestruturas em saneamento, a relação com os eixos de circulação e com os equipamentos coletivos. Todavia a casa de aluguer foi sempre uma forma de

lucro e a única forma de os residentes mais pobres ou temporários angariarem rendimentos extras.

Orgânica urbana - A organização da função residencial ao longo dos séculos consubstancia-se na produção de espaço urbanizado segundo as regras que, em cada época, emergiram das funções socioeconómicas da vila. A análise da população e da estrutura urbana comprovam-no pelo peso dos números e pela feição da paisagem urbana.

Ao nível da sua estrutura demográfica, segundo os dados atualizados em 2009, Caminha atinge os 16 577 habitantes dispersos pelas 20 freguesias que compõe o concelho, muitas delas de matriz rural, abrangendo uma área aproximada de 138,00 Km².

3.2 - Programa base/Organograma da biblioteca

Partindo da análise anterior ao concelho de Caminha, foi-nos possível avançar na definição e classificação da biblioteca a projetar, apresentando-se esta, como uma ferramenta fundamental na estruturação do trabalho.

Como referido para a elaboração do programa, foi essencial o estudo do local, as suas especificidades, perceber as reais condições da biblioteca atual (obsoleta), assim como a sua população.

A partir dos dados relatados, anteriormente, chegamos à primeira conclusão, a dimensão/tipologia de biblioteca a adotar, uma BM1, ou seja classificação atribuída às bibliotecas localizadas em concelhos com população inferior a 20 000 habitantes. O passo seguinte foi identificar e pesquisar o programa que uma biblioteca com esta classificação poderia contemplar.

Em função do resultado da análise e de um fator importante, a população que compõe a Vila de Caminha, o programa funcional do edifício resultou em duas zonas distintas, Serviços Internos e Serviços Públicos.

Os serviços Internos apresentam-se como parte integrante da Biblioteca, é nestes espaços, de acesso reservado, apenas as pessoas internas, onde é efetuado toda a coordenação e monitorização da estrutura, armazenamento e conservação dos respetivos livros, no fundo todo o trabalho de «backoffice».

Os serviços Internos agregam diversos espaços, O depósito associado ao espaço de conservação e restauro, a sala do servidor, instalações sanitárias, sala de reuniões, gabinete do Bibliotecário, sala do pessoal (zona de trabalho), arrumos e copa (opcional), apresentam-se como espaços estruturantes deste serviço.

A zona dos serviços Públicos, caracterizam se basicamente como os restantes espaços que compõe uma Biblioteca, ou seja, na prática aqueles que é permitido a utilização de uma forma livre os seus utilizadores, esta divide-se em diversas zonas: o átrio, sala polivalente, bar (opcional), instalações sanitárias, arrumos, secção infantil, sala do conto (opcional) e secção adultos.

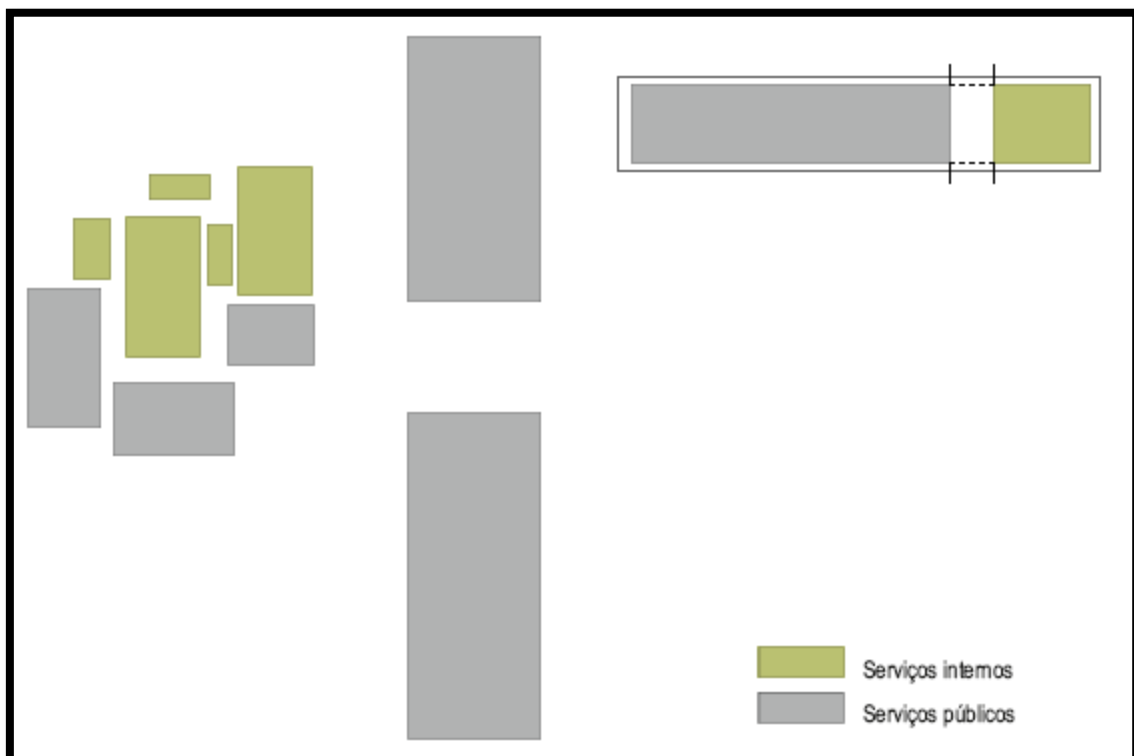


Fig. 21 – Organograma funcional da biblioteca

A área total deste modelo de Biblioteca fixa-se nos 1000m², acrescidos das zonas de circulação. Esta primeira análise revelou-se fundamental na estruturação do meu projeto.

3.3 - Local de intervenção

A escolha do local revelou-se um exercício bastante interessante, quando pensamos neste tipo de equipamento e definimos Caminha como local de intervenção, pensamos imediatamente nas relações que este poderia estabelecer com o local, quer a nível sensorial, visual e elemento estruturante desse mesmo local.

Caminha apresenta-se como uma Vila que se «fecha» para o seu núcleo central urbano, não potenciando, em nossa opinião, todo o seu potencial que a frente ribeirinha nos oferece, foi através desta premissa que decidimos localizar a biblioteca junto da marginal.

O passo seguinte foi identificar um espaço público que pudesse receber esta infraestrutura. Optou-se pelo lote do atual mercado. Decisão que vai ao encontro da visão que tínhamos para o local, que visam dar início a uma série de equipamentos que pudessem estruturar, revitalizar toda a marginal. A biblioteca surge nesta perspetiva como um elemento «âncora» de todo este processo, criando assim, uma nova centralidade.

O lote definido para a intervenção abrange uma área aproximada de 6000m², na zona do atual mercado, agrupando parte do atual campo da feira, as variações de altimetria são praticamente nulas.

Apresentando-se perfeitamente alinhada pela marginal, encontra-se «emparedada», por dois arruamentos paralelos ao mesmo, o arruamento existente entre a marginal e o lote desaparece como poderemos ver mais a frente na proposta, servido por arruamentos perpendiculares que nos levam ao centro da vila e vice-versa, estes apresentam um forte impacto da orientação do edifício.



Fig. 22 – Zona do atual mercado de caminha – local de intervenção

Em termos de edificado, a zona de intervenção, emerge a norte, o forte e algumas habitações multifamiliares, a nascente, o núcleo central da vila, a sul, surge o bairro dos pescadores, a poente deparamo-nos com a foz do rio Minho apresentando como pano de fundo o monte de St.ª Tecla.

3.4 – Conceito

No seguimento da visão escolhida para o desenvolvimento do trabalho, pretende-se um espaço estruturante, silencioso, anónimo, com fortes referências ao local, que se afirmasse de uma forma natural como parte integrante da zona onde se insere.

Estes fatores aliados ao posicionamento e objetivos programáticos, associamos o conceito criativo como algo que transportasse «identidade» ao edifício, no fundo «verter» no edifício toda a singularidade que caracteriza toda esta zona da marginal de Caminha.

Em função do anteriormente referido decidimos adotar como conceito criativo a «rede», este será o ponto-chave para o desenvolvimento da proposta, contribuindo de forma marcante para o resultado final do projeto.

A escolha da rede como conceito adotado, surge essencialmente com o intuito de criar uma analogia da rede de pesca e a atividade que se verifica neste local, inclusive dada a proximidade com o bairro dos pescadores. Por outro lado, foi nossa intenção estender o conceito a rede urbana e rede tecnológica, uma vez que se assumem como elementos importantes num edifício desta natureza.



Fig. 23 – Cestas e redes de pesca- marginal Caminha

A partir deste conceito a imagem global da biblioteca remete-nos para a forma das «cestas» e redes utilizadas pelos pescadores na sua atividade, este conceito materializa-se de uma forma mais vincada na «rede» que envolve todo o edifício.

Esta opção, justifica-se pela intenção em aproximar os valores intrínsecos de Caminha e estabelecer relações emotivas de identidade com o edifício, surgindo este como elemento natural, como pertença do local.

3.5 - Memória descritiva

Através desta narrativa pretendemos descrever e contextualizar todas as opções tomadas no desenvolvimento do projeto, a intervenção no local proposto, as opções tomadas em relação ao edifício e ao espaço periférico da zona de intervenção, localizado na marginal da Vila de Caminha.

A análise previamente feita ao local de intervenção, apresenta-se como fator fundamental na estratégia de desenvolvimento da proposta, permitindo desta forma formular ideias com base nos estudos efetuados, servindo de diagnóstico e elemento orientador da proposta.

Em conformidade com o programa definido, a construção de uma nova Biblioteca para a Vila de Caminha, esta surge como um elemento de novas oportunidades, para o local onde se insere, assim como para os seus utilizadores.

A sua localização previamente selecionada, visa dotar o espaço atual de novas dinâmicas, a ideia passa pela criação de uma nova centralidade, sendo a biblioteca o elemento catalisador de todo este processo. O local escolhido situa-se no lote do atual mercado, esta opção surge da visão pensada para a marginal de Caminha, ou seja o aparecimento de diversos equipamentos culturais e de lazer neste local, pretendendo «trazer» as pessoas do centro da Vila e relaciona-las com a frente de rio.

O espaço proposto para a Biblioteca é extenso, no entanto, nas circunstâncias atuais, isolado. Funcionando um pouco como uma ilha derivado aos arruamentos que o contornam, a nossa proposta passa por eliminar o arruamento secundário, entre o lote e a marginal, tornando-o na sua totalidade em espaço público, permitindo assim desta forma que as pessoas percorram toda esta extensa área sem esta «barreira», eliminando o efeito de «ilha» que o lote neste momento apresenta.

A forma do edifício apresenta-se de uma forma bem vincada, simples e orientada, um pouco à imagem da fortaleza existente a norte, os seus alinhamentos perpendiculares ao arruamento que nos leva/recebe a quem

faz o percurso em direção ao centro da Vila. Este elemento revela-se preponderante na implantação do edifício, assim como na sua forma. Esta intenção deve-se mais uma vez a ideia de voltar as pessoas para a marginal, uma vez que o que se verifica neste momento é que a vila se «fecha» para o seu núcleo central, funcionando esta proposta como um elemento de abertura.

Esta ideia também se materializa no desenho do espaço envolvente. A divisão do edifício em duas partes, ao nível do piso 0, visa manter esta permeabilidade de quem se dirige para o centro da vila ou efetua o percurso inverso, libertando assim visualmente e fisicamente, permitindo o seu atravessamento. Fomentando e induzindo também por parte das pessoas a utilização da Biblioteca.

O espaço público, um pouco à imagem do edifício foi «trabalhado» de uma forma simples, como referido anteriormente, eliminando o arruamento secundário, juntamos o lote da Biblioteca ao atual designado como campo da feira. Permitindo desta forma uma amplitude maior ao espaço público que preconizamos, sendo este pontuado com os referidos equipamentos que pretendemos que surjam ao longo da marginal. No fundo trata-se apenas da intenção de «coser» o espaço, uma vez que se encontra bastante fragmentado e desorganizado, esta intenção traduz-se no anteriormente referido assim como no «arranjo» efetuado ao nível das zonas de estacionamento.

Sendo este espaço plano, praticamente sem variações de altimetria, a proposta de desenho passa por traduzir no pavimento a «matriz» da Vila através de linhas, avanços e recuos que a caracteriza. A distinção adotada na cor da betonilha de pavimento, tem como analogia as coberturas do edificado e os respetivos logradouros. No atravessamento do edifício adotou-se, um pavimento diferente, como se de um arruamento se tratasse.

Nesta regularidade formal, emerge apenas o mobiliário urbano, a iluminação pública e os bancos, estes surgem na mesma lógica do pavimento, pretende-se soluções simples e anónimas.

O edifício da Biblioteca desenvolve-se de uma forma ortogonal, em 2 pisos, apresentando uma dimensão de 75 m de comprimento por 12 de largura, perimetral mente surge a «rede» que envolve praticamente todo o edifício afastado do corpo interior em 1,6m, neste espaço de afastamento surge pontualmente plataformas visitáveis a cota do piso 1.



Fig. 24 – Planta de implantação da biblioteca junto da marginal de Caminha

A «rede» que envolve o edifício surge no seguimento do conceito criativo, a opção recai sobre um estrutura em aço galvanizado, para além da componente conceptual, esta tem como objetivo proteger o edifício, protegendo-o em parte da incidência solar, assim como o propósito de desencadear alguma «tensão» por parte do observador através do seu interior e exterior.

No corpo interior do edifício foi adotado a betão aparente, pelo exterior, assim como pelo interior, esta opção mais uma vez justifica-se pelo especto

que pretendo para o edifício, uniforme e homogéneo, algo «cru» ao nível dos materiais selecionados, as tubagens, condutas ar condicionado etc., serão todas visíveis, reforçando assim a imagem que pretendo.

A organização funcional do edifício foi pensada de uma forma bastante eficaz, numa perspetiva da intensidade de utilização cada um dos espaços e respetivos espaços de apoio, numa logica de complementaridade e sequência logica de funcionamento.

Esta organização funcional divide-se basicamente em dois sectores, internos e públicos, esta divisão será transportada para o edifício, no corpo a sul ficam os serviços internos, no restante corpo os serviços públicos. A função segue a forma.

Nos serviços internos, optei por colocar o depósito e conservação documental no piso 0, esta opção deriva da necessidade e facilidade de acessos que este tipo de espaço necessita, remetendo-o assim para um local mais fechado, seguindo esta logica, optei também por colocar neste piso a sala do servidor assim como a zona de sanitários que estes serviços incorporam. O acesso vertical ao piso 1 é assegurado pela escada e elevador autónomo existente. Esta opção deve-se a ideia que defendo de não misturar o serviço interno, com o funcionamento público da biblioteca.

Para o piso 1 dos serviços internos, remeti toda a zona de trabalho, sala de reuniões, gabinete bibliotecário e copa, mais uma vez a logica de complementaridade e proximidade prevaleceu na organização do espaço. A este espaço emerge a «manga» de ligação entre serviços internos e públicos.

Nos serviços públicos, no piso 0, foi criado o átrio, este apresenta-se como se um prolongamento do espaço público se trata-se, esta opção, traduz-se na grande parede de vidro que separa os dois espaços, ou seja quem se encontra no átrio tem um contacto visual com o exterior e vice-versa. Neste espaço encontra se também a zona de atendimento, onde o primeiro contato e encaminhamento com o utilizador e efetuado, caracteriza-se como um espaço amplo, aberto propício a pequenas exposições.

Neste enfiamento, decidi dar sequência com espaços com cariz de utilização sequenciais e de carácter mais aberto, como são a sala polivalente, o átrio, zona de bar, sanitários, assim como os elementos de acesso vertical entre pisos (escada e elevador), tudo numa lógica de intensidade de utilização e respetiva complementaridade de funcionamento entre espaços.

Em resumo se estou no numa conferência na sala polivalente, saio, tenho o bar e o átrio e vice-versa, não necessitando de percorrer grandes distancias e passar por outras secções. Todo o projeto foi pensado nestes pressupostos.

Por fim, neste piso surge a secção-infantil agrupando também a sala do conto, a minha proposta passa por colocar este espaço neste piso, na medida de evitar que as crianças subam escadas, criando dessa forma uma separação clara nos diferentes tipos de utilização dos espaços, potenciando também o silêncio que um espaço desta natureza deve conter.

Na área dos serviços públicos situada no piso 1, reservei o espaço para a secção de adultos, este espaço contempla, a zona multimédia, leitura informal, consulta, servidos de uma zona de atendimento, arrumos e respetivas instalações sanitárias.

Nesta secção, optei por colocar inicialmente a zona potencialmente mais «agitada» a zona multimédia, reservando o restante espaço para as zonas de consulta e leitura. Neste seguimento surge a zona de periódicos relativamente próxima da zona de atendimento, sanitários e escadas, mais uma vez prevaleceu a logica de utilização dos espaços, ou seja quem quiser ler um jornal ou servir-se dos computadores não tem propriamente que passar pelas zonas de consulta e leitura, uma vez que pressupõe absoluto silêncio, surgindo assim, por fim estes dois últimos espaços (consulta e leitura).

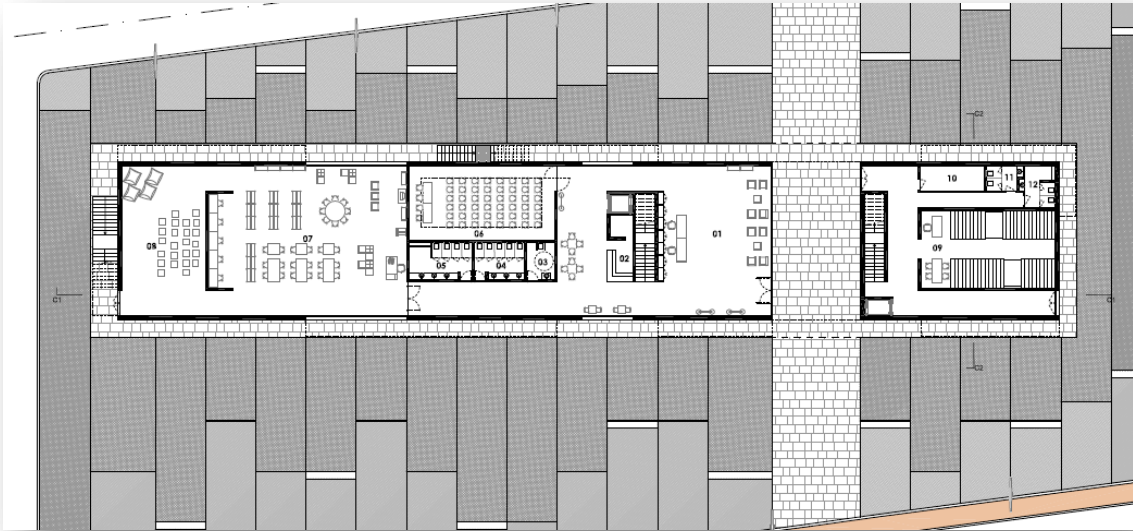


Fig. 25 – Planta da biblioteca - piso 0

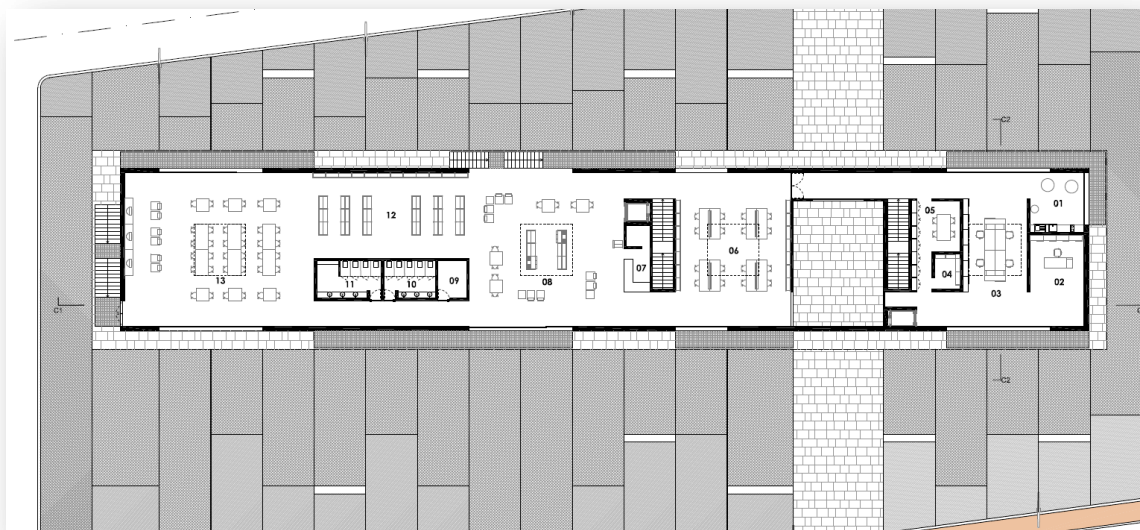


Fig. 26 – Planta da biblioteca - piso 1

O edifício para além da organização funcional, sobressai a sua organização e distribuição do equipamento, as estantes foram colocadas estrategicamente para que a luz natural não incidisse frontalmente nos livros,

as aberturas previstas na laje de cobertura são posicionadas em direção as zonas de leitura e trabalho, assegurando desta forma a iluminação natural do edifício, o seu sombreamento e assegurado pela sua forma de cubos que anula o ângulo de incidência, assim como pela rede que envolve o edifício. Nos materiais adotados, tentei eliminar ao máximo a sua existência, optei por uma estrutura em betão aparente, interior e exteriormente, surgindo o aço da estrutura que envolve o edifício como segundo material presente. Todos os equipamentos, condutas, ar condicionado, tubagens, etc., serão visíveis. Ao nível do pavimento a opção recai sobre o Marmorite em tons escuros, criando assim uniformidade e contraste com o betão das paredes e lajes.

O resultado final do edifício corresponde as minhas expectativas iniciais, o espaço silencioso, anónimo, funcional, estruturante, que se enquadra de uma forma harmoniosa e invoca os valores do local, foram em minha opinião, amplamente conseguidos.

3.6 – Imagens 3D – Projeto 5º ano



Fig. 27 - Imagens 3D – Projeto 5º ano

3.7 – Fotos maquete – Projeto 5º ano

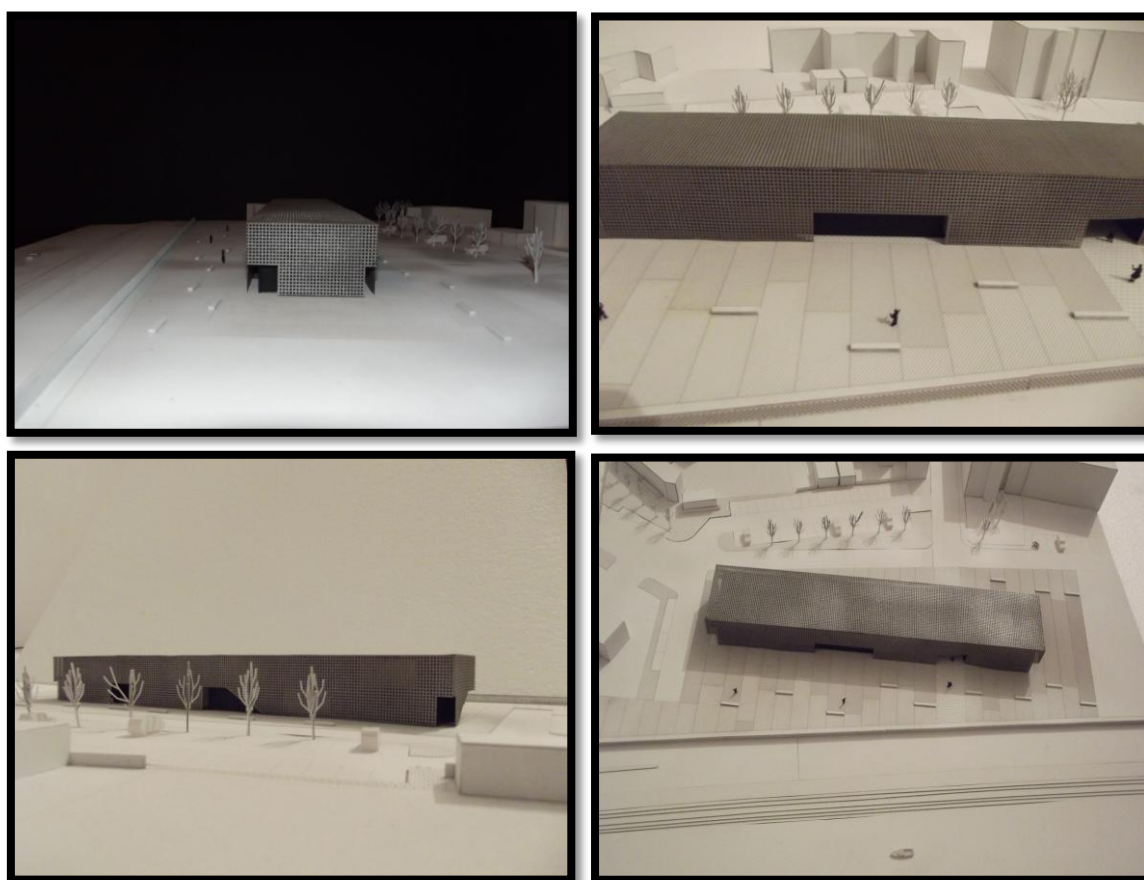


Fig. 28 - Fotos maquete – Projeto 5º ano

Conclusão

Ao termo desta dissertação, estamos em condições para o afirmar, respondendo à questão levantada na introdução: que se tivéssemos a possibilidade de construir uma biblioteca em Caminha mesmo que virtualmente em projeto de estudo, reiniciando todo o percurso de aprendizagem e metodologia dirigida, a nossa opção se manteria. Compreendemos, que na dicotomia apresentada, as duas posturas são válidas e enriquecedoras. Encontramos argumento pertinente, através dos muitos exemplos de biblioteca construídos no Séc. XX e entrada do Séc. XXI, que ora nos remetem para a postura de Asplund, ou então, para a de Alvar Aalto.

A biblioteca projetada e construída pelos irmãos Nuno e José Mateus/ARX Portugal, apresentada em capítulo 2, desta dissertação, representando um caso de estudo na esteira aaltiana. É um exemplo de uma biblioteca que foge ao modelo mais habitual da caixa que tudo contém. É simultaneamente a prova de argumento contrário à opção que apresentamos em capítulo 3.

Da incursão teórica realizada e apresentada no capítulo 1, ficamos aptos a discernir, coincidido a nossa conclusão com as palavras que tomamos a Nuno Grande: “ se a biblioteca clássica morreu – no excesso de hierarquia, de compartimentação, de formalidade – as novas bibliotecas traduzem outro entendimento espacial, oferecendo espaços polivalentes onde se cruzam crianças e adultos, salas onde se funde a leitura convencional e o visionamento de materiais digitais, áreas informais onde se permite um manuseamento livre dos diversos suportes, salas de conto e esplanadas ao ar livre onde se pode ouvir alguém ler, tendo a paisagem como fundo. E tudo isto se faz, hoje, em lugares de luz coada, de um conforto apreciável, sem portas, sem grades, sem horários condicionados” (ARQUITECTURA,IBÉRICA.2006:16).

Quando Umberto Eco, denunciava em conferência: “ a biblioteca é um problema da escola, do município, do estado. É um problema de civilização e

nós não nos apercebemos até que ponto o instrumento biblioteca continua ainda a ser uma coisa desconhecida para a maioria das pessoas" (ECO.1994:s/p), sobrescreveria os princípios expostos, mas, provavelmente admitiria que houve um esforço hercúleo para tentar colmatar o que nos anos oitenta do século passado era uma exigência e utopia.

A biblioteca mudou.

Nessa mudança, detetamos a importância do construtor de bibliotecas, o arquiteto como líder de um processo, mas também, outros intervenientes fundamentais no seu seio (de onde se destacam o bibliotecário, o encomendador e até mesmo o utente). É importante ainda dizer-lo, que na diversidade de programas e planificações de bibliotecas (públicas/privadas, nacionais/municipais, escolares/universitárias e especializadas) o nosso estudo elegeu as bibliotecas públicas municipais. Deixamos pois para estudos futuros o que ficou por fazer.

Fontes e Bibliografia

Fontes

- www.cm-ilhavo.pt
- www.cm-caminha.pt
- www.bibliotecamunicipal.cm-ilhavo.pt
- www.alvaraalto.fi
- www.dglb.pt
- www.arx.pt
- <http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>

Bibliografia

BRAGA, António Maria, QUEIROZ, Manuel de. 2010. Organização e Funcionalidade de espaços nas Bibliotecas. Lisboa: Universidade Aberta.

CALDAS, João Vieira. 1997. Pardal Monteiro. Arquitecto. Lisboa: AAP.

CALMEIRO, Jorge Manuel Carvalho. 2000. A função social das bibliotecas e a sua organização interna: o caso particular da biblioteca geral da Universidade de Évora. Évora: UE/Depart. de Sociologia. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Policopiado.

CMI.2005. Museu Marítimo de Ílhavo. Ílhavo:CMI. Folheto.

CMI. s/d. Biblioteca Municipal de Ílhavo. Ílhavo:CMI. Folheto.

CREMASCOLI, Roberto. 2013. Alcino Soutinho. Portugal:Verso da História. Col. Arquitectos portugueses. Série 2, n. 1.

ECO, Umberto. 1983. O Nome da Rosa. Lisboa: Difel.

ECO, Umberto. 1994. A Biblioteca. Lisboa: Difel.

FERRÃO, Pedro. 1993. A construção da casa da Livraria da Universidade de Coimbra. DIAS, Pedro, coord. ACTAS DO COLÓQUIO. A UNIVERSIDADE E A ARTE (1290-1990). Coimbra:IHA/FLUC. 85-127.

MELOT, Michel, dir.1996. Nouvelles Alexandries: les grandes chantiers de bibliothèques dans le monde. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie.

NEVES, José Manuel, dir. 2004. Bibliotecas. ARQUITECTURA IBÉRICA. Portugal: Caleidoscópio. N.º 1.

NEVES, José Manuel, dir. 2006. Bibliotecas. ARQUITECTURA IBÉRICA. Portugal: Caleidoscópio. N.º 2.

PAIÃO, Aníbal, FIGUEIRA, Jorge, GARRIDO, Álvaro.2004. Museu Marítimo de Ílhavo. ARX Portugal. Casl de Cambra: Caleidoscópio.

PEREIRA, Paulo, dir. 1995. História da Arte Portuguesa. Espanha: Círculo de Leitores. Vol. III.

PIMENTEL, António Filipe. 1992. Arquitectura e Poder. O Real edifício de Mafra. Coimbra:IHA/FLUC.

PIMENTEL, António Filipe. 2005. A Morada da Sabedoria. O Paço Real de Coimbra. Das origens ao estabelecimento da Universidade. Coimbra: Fund. Eng. António de Almedina.

RATO, Vanessa. 2003. " Simplesmente dar resposta às necessidades ". PÚBLICO. 25 de Janeiro.41.

ROMERO, Santi. 2003. La Arquitectura de la Biblioteca. Recomendaciones para un proyecto integral. Catalunya: Col·legi d'Arquitects/Dip. de Barcelona.

SANCHO, José Luis. 2002. Real Monastério de San Lorenzo de El Escorial. Espana: Património Nacional.

SCHILDT, Cjorran. 1996. Alvar Aalto. Arquitectura, Arte y Desenio. Barcelona: G Gili.

SILVA, Helena Sofia, SANTOS, André.2011. Álvaro Siza Vieira.Portugal: Ed. e Conteúdos.

SILVA, Libório Manuel. 2013. Bibliotecas. VN Famalicão: Centro Atlântico.

TAVARES, Domingues. 2012. Michelangelo: Aprendizagem da arquitectura. Porto: Dafnae.

THOMPSON, Godfrey. 1996. Planning and Design of Library buildings.
Great Britain: Architectural Press.

Apêndice documental

MANIFESTO DA IFLA/UNESCO SOBRE BIBLIOTECAS PÚBLICAS 1994

“A liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Só serão atingidos quando os cidadãos estiverem na posse da informação que lhes permita exercer os seus direitos democráticos e ter um papel ativo na sociedade. A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória, como de um acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação.

A biblioteca pública - porta de acesso local ao conhecimento - fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais.

Este Manifesto proclama a confiança que a UNESCO deposita na Biblioteca Pública, enquanto força viva para a educação, a cultura e a informação, e como agente essencial para a promoção da paz e do bem-estar espiritual nas mentes dos homens e das mulheres.

Assim, a UNESCO encoraja as autoridades nacionais e locais a apoiar ativamente e a comprometerem-se no desenvolvimento das bibliotecas públicas.

A Biblioteca Pública

Biblioteca pública é o centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os géneros.

Os serviços da biblioteca pública devem ser oferecidos com base na igualdade de acesso para todos, sem distinção de idade, raça, sexo, religião,

nacionalidade, língua ou condição social. Serviços e materiais específicos devem ser postos à disposição dos utilizadores que, por qualquer razão, não possam usar os serviços e os materiais correntes, como por exemplo minorias linguísticas, pessoas deficientes, hospitalizadas ou reclusas.

Todos os grupos etários devem encontrar documentos adequados às suas necessidades. As coleções e serviços devem incluir todos os tipos de suporte e tecnologias modernas apropriados assim como fundos tradicionais. É essencial que sejam de elevada qualidade e adequadas às necessidades e condições locais. As coleções devem refletir as tendências atuais e a evolução da sociedade, bem como a memória da humanidade e o produto da sua imaginação.

As coleções e os serviços devem ser isentos de qualquer forma de censura ideológica, política ou religiosa e de pressões comerciais.

Missões da Biblioteca Pública

- . As missões-chave da biblioteca pública relacionadas com a informação, a alfabetização, a educação e a cultura são as seguintes:
- . Criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância;
- . Apoiar a educação individual e a autoformação, assim como a educação formal a todos os níveis;
- . Assegurar a cada pessoa os meios para evoluir de forma criativa;
- . Estimular a imaginação e criatividade das crianças e dos jovens;
- . Promover o conhecimento sobre a herança cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas;
- . Possibilitar o acesso a todas as formas de expressão cultural das artes do espetáculo;
- . Fomentar o diálogo intercultural e a diversidade cultural;
- . Apoiar a tradição oral;

. Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação da comunidade local;

Proporcionar serviços de informação adequados às empresas locais, associações e grupos de interesse;

Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática;

Apoiar, participar e, se necessário, criar programas e atividades de alfabetização para os diferentes grupos “

Funcionamento e gestão.

Deve ser formulada uma política clara, definindo objectivos, prioridades e serviços, relacionados com as necessidades da comunidade local. A biblioteca pública deve ser eficazmente organizada e mantidos padrões profissionais de funcionamento.

Deve ser assegurada a cooperação com parceiros relevantes, por exemplo, grupos de utilizadores e outros profissionais a nível local, regional, nacional e internacional.

Os serviços têm de ser fisicamente acessíveis a todos os membros da comunidade. Tal supõe a existência de edifícios bem situados, boas condições para a leitura e o estudo, assim como o acesso a tecnologia adequada e horários convenientes para os utilizadores. Tal implica igualmente serviços destinados àqueles a quem é impossível frequentar a biblioteca.

Os serviços da biblioteca devem ser adaptados às diferentes necessidades das comunidades das zonas urbanas e rurais.

O bibliotecário é um intermediário ativo entre os utilizadores e os recursos disponíveis. A formação profissional contínua do bibliotecário é indispensável para assegurar serviços adequados.

Têm de ser levados a cabo programas de formação de potenciais utilizadores de forma a fazê-los beneficiar de todos os recursos.

Implementação do Manifesto

Todos os que em todo o mundo, a nível nacional e local, têm poder de decisão e a comunidade de bibliotecários em geral são instados a implementar os princípios expressos neste Manifesto.

Este Manifesto foi preparado em cooperação com a Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas (IFLA) e aprovado pela UNESCO em Novembro de 1994.